

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

ADMIRÁVEL CORPO NOVO: Cirurgia Plástica e Reconfiguração Corporal

ROBERTA DE SOUSA MÉLO

**RECIFE
2006**

ROBERTA DE SOUSA MÉLO

ADMIRÁVEL CORPO NOVO: Cirurgia Plástica e Reconfiguração Corporal

Dissertação de Mestrado apresentada
como requisito para obtenção do grau de
Mestre em Sociologia, sob orientação do
Professor Dr. Jonatas Ferreira.

**RECIFE
2006**

Mélo, Roberta de Sousa

Admirável corpo novo : cirurgia plástica e reconfiguração corporal / Roberta de Sousa Mélo. – Recife : O Autor, 2006.

90 folhas.

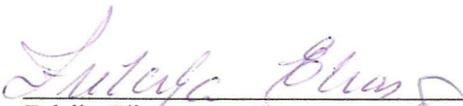
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Sociologia, 2006.

Inclui: bibliografia

1. Sociologia. 2. Feminilidade – Aspectos sociais. 3. Beleza feminina (Estética). 4. Corpo Feminino. 5. Cirurgia plástica. I. Título.

Ata da Sessão de Arguição de Dissertação de ROBERTA DE SOUSA MELO, do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco.

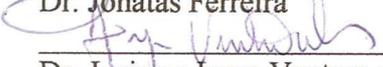
Aos vinte e três dias do mês de agosto do ano de dois mil e seis, reuniram-se na Sala de Seminários do 12º andar do prédio do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, os membros da Comissão designada para o **Exame de Dissertação de ROBERTA DE SOUSA MELO** intitulada: *“ADMIRÁVEL CORPO NOVO: Cirurgia plástica e reconfiguração corporal”*. A Comissão foi composta pelos Professores: **Dr. Jonatas Ferreira – Presidente/orientador; Dr. Josimar Jorge Ventura de Moraes – Titular Interno – PPGS; Dra. Roberta Bivar Campos – Titular Externa – PPGA/UFPE; Dra. Cynthia Hamlin – Titular Interna – PPGS.** Dando início aos trabalhos o **Doutor Jonatas Ferreira** explicou aos presentes o objetivo da reunião, dando-lhes ciência da regulamentação pertinente. Em seguida, passou a palavra à autora da Dissertação, para que a mesma apresentasse o seu trabalho. Após a apresentação, cada membro da Comissão fez sua arguição, seguindo-se a defesa da candidata. Ao término da defesa a Comissão Examinadora retirou-se, para em secreto deliberar sobre o trabalho apresentado. Ao retornar o **Doutor Jonatas Ferreira** presidente da mesa e orientador da candidata, solicitou que fosse feita a leitura da presente Ata, com a decisão da Comissão que **aprovou a Dissertação por unanimidade.** E, nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente Ata que vai assinada por mim, secretária do Programa, pelos membros da Comissão Examinadora e pela candidata. Recife, 23 de agosto de 2006.



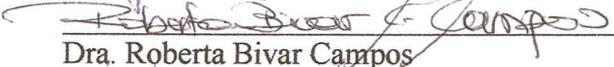
Zuleika Elias



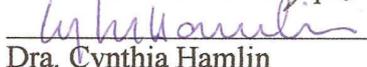
Dr. Jonatas Ferreira



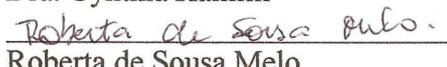
Dr. Josimar Jorge Ventura de Moraes



Dra. Roberta Bivar Campos



Dra. Cynthia Hamlin



Roberta de Sousa Melo

AGRADECIMENTOS

Nossa sincera gratidão a todas as pessoas e fatores que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho. De modo especial, agradecemos às nossas informantes por compartilharem conosco suas experiências de vida, muitas vezes conflituosas e difíceis de serem expostas. Ainda assim, não fizeram disso empecilho para nos ajudar na realização de nosso trabalho. Agradecemos também a orientação de Jonatas Ferreira, por seu profissionalismo e disposição ao nos indicar questões e caminhos para atingir nossos resultados.

Não poderíamos deixar de mencionar o apoio dos professores, funcionários e companheiros de turma do PPGS da UFPE, que estiveram conosco durante os dois anos de curso. A eles somos gratos pelas trocas de experiência na produção de conhecimento, bem como pelo apoio à nossa estrutura afetiva, de modo especial naqueles momentos de crise de vocação sociológica. Nessas horas o apoio do CNPq também foi providencial, ao disponibilizar recursos materiais que nos estimularam a retomar nosso ofício. A todo seu pessoal, nossos agradecimentos.

RESUMO

Colocando o corpo feminino em perspectiva, este trabalho concentra-se no consumo da cirurgia plástica como fenômeno suscitador de relevantes questões sociológicas. Analisando de modo mais específico o uso das cirurgias estéticas, reconhecemos que *corporeidade, sexualidade e sociabilidade* constituem-se integrantes de tal processo. Os questionamentos aqui presentes levam aos estudos sobre o corpo tecnologicamente investido, trabalhado nos aspectos que melhor materializem os objetivos da consumidora e sua localização nos arranjos das estruturas sociais. De um lado, o corpo passivo, assimilador de regras e de padrões estéticos. Do outro, o corpo que se utiliza das tecnologias, produto humano por excelência, para refazer-se e recriar-se.

Palavras-chave: *corpo, feminilidade, sociabilidade.*

ABSTRACT

From the perspective of the female body, this paper focuses on the resort to plastic surgeries as a phenomenon that raises relevant sociological questions. In a more specific analysis of aesthetic surgeries, we acknowledge that *corpority, sexuality and sociability* are an integrating part of such process. The questions raised here lead to studies on the notion of a technologically invested body, emphasising the aspects which better materialize the aims of consumers and their places within the social structures. On the one hand, the passive body that assimilates rules and aesthetic standards. On the other hand, the body that makes use of technology, a quintessential human product, to reinvent and recreate itself.

Key-words: *body, feminility, sociability.*

Sumário

Apresentação	1
Capítulo 1. Da costela ao bisturi: algumas considerações teóricas	10
1.1. A invenção da mulher	11
Capítulo 2. Corpos em campo	27
Capítulo 3. Recortes do corpo	39
3.1. Reflexos do espelho na porta da rua	60
3.2. Beleza funcional	71
3.3. Corpos idos	78
Considerações Finais	82
Bibliografia	87

Apresentação

Diferenças baseadas na estética corporal há tempos incitam conflitos. Quando da descoberta do Novo Mundo, a exploração dos espaços até então desconhecidos propiciou um confronto visual entre os “novos povos” e o homem europeu. Depoimentos da época (especialmente os de cronistas, viajantes, missionários e comerciantes) discutiam, em sua produção acerca dos povos que conheciam, a maneira como estes estabeleciam sua experiência humana, por meio de seus hábitos, normas, características, mitos, rituais e linguagem, bem como questionavam a condição humana dos recém-descobertos, pelo fato de perceberem a ausência de suas concepções de civilidade na apresentação corporal do outro (estranhamento dos modos de se vestir - ou de se despir -, de gesticular, de andar etc.) (Laplantine, 1996). Tornou-se questão fundamental ao europeu negar um estatuto humano ao “novo ser”, de modo que não fossem abaladas suas convicções, nem tampouco sua condição de raça superior. Alguns dos argumentos usados para negar-lhe tal condição eram religiosos: foi necessário colocar em xeque a existência de uma alma nos chamados selvagens. A diversidade da aparência física e dos modos corporais também soou como forte critério, levando o homem branco a recorrer constantemente ao que o autor chama de “metáfora zoológica”:

“Assim (...) sendo considerado assustadoramente feio e alimentando-se como um animal, o selvagem é apreendido nos modos de um bestiário. (...) Cornelius de Pauw acrescentará, no século XVIII: ‘sem barba, ‘sem sobrancelhas’, ‘sem pêlos’, ‘sem espírito’, ‘sem ardor para com sua fêmea’” (Idem, *Ibidem*, p. 41).

Juntamente com a repulsa diante do corpo do “selvagem”, existia o fascínio que sua alteridade exercia. Segundo Laplantine, Montaigne, no século XVI, por exemplo, elogiava a “bondade natural” e a “ingenuidade original” do estado de natureza em que se

encontravam os povos descobertos, mas sempre tomando o cuidado de estabelecer fronteiras de civilidade entre o velho e o novo mundo. Fazia-se, portanto, uma “reflexão à distância”. Para o autor, é a partir dos diversos exercícios reflexivos acerca dos povos encontrados que ganha contorno a constituição progressiva de um saber pré-antropológico (Idem, *Ibidem*, p. 53).

O uso do corpo como elemento de hierarquização entre povos e culturas perdurou no pensamento europeu dos séculos seguintes, “encontrando seu apogeu na Antropologia Física e suas explicações referentes à superioridade da espécie humana baseada na idéia de raça” (Pereira, 2001: 27). A associação entre características corporais e traços de personalidade adquire ainda mais proeminência através dos estudos de Paul Broca, para quem a antropologia deveria ser fundamentada em técnicas de medições, de modo especial naquelas feitas nos crânios, “porque só assim seria possível delinear grupos humanos e valorá-los com base em suas medidas” (Silva, 1998: 20), de modo que

sua valoração foi reconhecida por toda Europa, difundindo a idéia de que os negros representavam um grupo de ‘inferioridade intelectual e social’ (...) que jamais foi capaz de ascender à civilização’, enquanto os brancos, com cabelo liso e rosto reto, são parte dos ‘grupos mais elevados na escala humana’, apresentando uma imensidade de amostras para confirmar sua tese, apesar das suspeitas que surgiram, mais tarde, de sua manipulação dos dados. (Idem, *Ibidem*, p. 20).

O trabalho de Broca colaborou com a corrente da antropologia criminal, oferecendo uma série de estudos dos crânios de assassinos, homicidas e ladrões, tornando-se nome de prestígio entre os interessados na craniometria. O estudo antropológico da criminalidade, expresso na aliança entre a medicina e o direito, teve ainda a contribuição de Cesare Lombroso, influenciado por Comte e por seu positivismo:

Lombroso apresenta, entre seus argumentos básicos, a existência de uma correlação entre os traços dos criminosos e as características dos macacos e dos

selvagens, sendo todos criminosos natos. (...) Essa visão de mundo antropomorfisada era a tônica do seu trabalho como perito em julgamentos criminais (Idem, Ibidem, p. 21).

A essa época se fazia marcante a ideologia positivista, com sua fascinação pelos dados empíricos, cálculos e números como fonte de conhecimento irrefutável. Era forte a tendência a “quantificar” o campo das ciências humanas. Isso se refletia na expectativa corporal desse contexto: prezava-se o “caráter instrumental do corpo”, bem como a medida de seu uso enquanto uma dimensão inferior e ligada aos instintos. Ao mesmo tempo, privilegiava-se “uma dimensão superior e mais complexa, voltada para as coisas ‘mentais’ ou, mais propriamente, anímicas” (Idem, Ibidem, p. 22).

De acordo com Hasse (2003), o desenvolvimento da antropometria e da antropologia criminal se fez acompanhada da admissão, em 1915, do fato de que os comportamentos desviantes, ou seja, que não correspondiam a uma conduta tida como normal, deveriam ser atribuídos a deformações congênitas e biológicas. O mal, portanto, estava enraizado na aparência física. Tal mentalidade orientou a atenção, segundo os procedimentos da ciência da época, para a quantificação, a medida, a classificação, a descoberta de um princípio de ordem a partir do qual se encontraria a explicação pretendida:

“mediam-se os corpos. Verificavam-se as dimensões do crânio, a inserção do nariz, a forma das orelhas, a projeção dos olhos, a proporção dos membros, determinavam-se os índices possíveis e o equilíbrio entre tudo. Anotava-se, ainda, a cor do cabelo, a cor dos olhos, a cor da pele. Verificava-se a existência de ‘sinais particulares’, em geral presentes, de cicatrizes, marcas diversas, sinais exteriores de uma origem, não de uma história” (Idem, Ibidem: 56).

O método positivista contribuía para sustentar a hierarquização de modelos corporais: a supremacia de determinados corpos em detrimento de outros era naturalmente justificada, por meio de critérios baseados em “elementos de nascença”. Portanto, constituía-se um

ideal de estabilidade no qual os corpos eram obrigados a conformar-se com sua condição original.

O clássico trabalho de Mauss (1974), por sua vez, inova ao ir além das fronteiras orgânicas e anatômicas do corpo humano (Pereira, 2001), indagando sobre outros elementos e significados no uso do corpo humano que não aqueles hierarquizantes. Ao contrário, ele insere-se no quadro dos primeiros a relativizar as diferenças culturais dos modos corporais, ao mesmo tempo em que valoriza suas particularidades. Além disso, sua reflexão colaborou para que, de uma natureza imutável, puramente biológica e constituída por necessidades intrínsecas, o corpo passasse ao âmbito cultural (Csordas, 1996). Assim, Mauss elaborou um argumento em que o corpo, ao mesmo tempo em que continuaria marcado por significados biológicos, também estaria propenso a mudanças historicamente determinadas e embutido dos valores da sociedade da qual faz parte.

“Neste sentido, cada indivíduo carrega consigo sua cultura, a qual costuma exprimir-se através das diversas formas de comportamento que ele utiliza: o andar, o comer, o beber, as posições sexuais, enfim, modos de expressão do contexto a que a pessoa pertence. (...) Nesta perspectiva é absolutamente importante a idéia de relativismo da imagem corporal, pois aquilo que parece sexualmente estimulante em uma determinada sociedade pode exercer o efeito contrário em outra. (...) O ideal estético baseado nas formas corpulentas serviu como modelo para a pintura barroca e renascentista. O seu oposto parece impregnar a estética do último quartel do século passado em que predominou sobretudo um ideal estético baseado nas formas longilíneas do corpo humano” (Pereira, 2001: 22, 25).

Essa perspectiva nos permite abordar o corpo para além de sua estrutura orgânica, e isso se faz extremamente interessante ao considerarmos as expectativas criadas em torno da corporeidade como algo que pode ser transformado por meio da prática de técnicas que se revelam na busca pela beleza. Assim, “aprende-se” o que fazer com esse corpo. Isso inclui tanto os rituais de beleza mais triviais quanto as estratégias do tipo da cirurgia cosmética: tudo isso indica formas de educar o corpo que se manifestam tanto quanto ele se realiza no

mundo, levando em conta a condição biológica que lhe é constituinte, mas considerando, também, os elementos culturais envolvidos em nossa apresentação corporal. Tal concepção incita o treinamento do corpo, seu adestramento e, enfim, a construção de seu “novo destino”, probabilidade descartada na concepção positivista da corporeidade. De fato, nos dias atuais, as expectativas de modificar o sentido dado ao corpo atingem proporções imensas. Torna-se imprescindível, aqui, aludir à grande procura por intervenções estéticas, desde as formas tradicionais (piercings, tattoos, etc.) até a recorrência às mais altas tecnologias (dentre estas, as cirurgias plásticas), que trazem consigo um discurso disposto a realizar os desejos de nossa alma, com promessas de uma vida livre de medos fundamentados nas limitações e determinações da natureza. Nosso interesse está justamente na atualidade dessas técnicas corporais. Para isso, num primeiro momento, aludimos à grande propagação das tecnologias de embelezamento do corpo, que traduzem toda uma gama de estratégias e disciplinas em prol da ostentação de padrões socialmente aprovados.

Como sugere Segurado (2005), a diversificação de estratégias de controle tem nas novas tecnologias um de seus maiores potencializadores. Tal fato se expressa claramente no exemplo do uso que se faz das atuais tecnologias cosméticas: embora se fale da possibilidade de um corpo escolhido pelo “seu proprietário”, tal escolha é mediada por padrões de beleza que refletem categorias sociais, e a única possibilidade de atingi-los é através do consumo das mesmas tecnologias corporais que se oferecem como realizadoras das fantasias individuais.

A contemporaneidade parece trazer à tona o discurso da substituição do corpo natural pelo corpo de consumo, *prêt-à-porter*. Assim, se numa outra época o corpo se fez como força a ser controlada, no cenário atual ele entra no mercado como capacidade de consumir, ser consumido e remodelado. Ao contrário de uma perspectiva naturalista,

interessa, agora, a capacidade de adquirir um corpo condizente com nossos objetivos. Se hierarquias estéticas continuam existindo, elas agora se fazem de modo desestabilizado, e elementos de distinção são sempre reelaborados, uma vez que é dada a qualquer pessoa a probabilidade de investimentos simbólicos sobre o corpo. Clarear, bronzear, esticar, aumentar, diminuir: a pele já não é mais inerte. Conjeturas nela baseadas tornam-se, agora, mais fluidas.

É no contexto de percepção dos elementos culturais e sociais em torno da construção corporal que nosso trabalho se insere. Nessa conjuntura, o corpo continua doando-se à instrumentalização, mas, nos parece, exacerbando sua maleabilidade:

“A transformação do corpo em objeto a ser modelado traduz-se de imediato nos catálogos de que os cirurgiões dispõem nas salas de espera e que mostram aos clientes para propor uma intervenção precisa. Neles se vêem o rosto, ou o fragmento do corpo a ser modificado, e o resultado após efetuada a operação” (Le Breton, 1999: 29).

A mídia, grande sustentáculo do culto ao corpo contemporâneo, exalta constantemente como modelos de realização, sucesso e felicidade pessoas famosas cuja estética ostenta ideais de juventude e beleza eternas. Na televisão, nos outdoors, em anúncios de jornal, são veiculadas imagens que terminam por mediar a auto-imagem, como no programa de entretenimento em que nos deparamos com o sorridente depoimento do ex-gordinho “simpático e divertido” que após se submeter ao desafio, conquistou um corpo “enxuto” através de uma dieta inovadora e agora faz as vezes de Don Juan. Mulheres eufóricas que doaram sua face enrugada à cirurgia plástica e agora falam sobre a alegria de sua fase rejuvenescida, embora seu sorriso de felicidade e alto astral seja dificultado pela pele extremamente “esticada”.

Intimamente relacionado ao atual culto ao corpo, o uso da cirurgia estética configura-se cada vez mais numa estratégia para adequar o proprietário desse corpo às exigências sociais contemporâneas, nas quais parece evidente uma forte aversão à gordura, ao desleixo e à velhice.

Em 2003, 621.342 cirurgias plásticas foram realizadas no Brasil. Desse total, 374.271, cerca de 60%, foram com finalidade estética. Os números constam da pesquisa realizada pela Gallup Organization encomendada pela SBCP (Sociedade Brasileira de Cirurgias Plásticas)¹.

A historiadora Haiken, (apud Edmonds, 2002), delinea como a cirurgia plástica ganhou aceitação nos Estados Unidos do século XX. A princípio, sua função era de reconstrutora, realizada em soldados feridos na guerra, até que

“da tarefa patriótica de ajudar veteranos feridos a se ajustarem à vida civil e tornarem-se membros produtivos da sociedade, (a cirurgia plástica) veio associar-se, aos olhos do público, com a charlatanice dos ‘médicos da beleza’”(Edmonds, 2002: 212).

Assim, passou a ganhar maior fonte de pacientes em mulheres que buscavam melhorar a aparência. No entanto, segundo ela, uma mudança fundamental da atitude cultural com relação à beleza acabou levando à aceitação pública generalizada da cirurgia plástica. Tal mudança pode ser resumida em alguns aspectos:

“1) a crença num vínculo fundamental entre auto-estima e aparência física; 2) a crença de que a aparência tem valor de mercado. A cirurgia plástica praticada em soldados feridos poderia, assim, justificar-se pelo argumento de que tal operação lhes permitiria encontrar trabalho e sustentar-se, realizando um bem público. De forma similar, as atuais operações cosméticas podem ser justificadas com argumentos econômicos de que a boa aparência torna a pessoa mais competitiva nos mercados de trabalho ou casamento” (Edmonds, 2002: 212).

Ao mesmo tempo, todas essas conquistas sugerem um trabalho sobre o corpo que o adapte às novas exigências (Schpun, 1997). Surge a necessidade de um comportamento

¹ Disponível no site do Jornal do Commercio em http://jc.uol.com.br/2004/11/18/not_77700.php.

corporal que inclui os cuidados estéticos, a fim de assegurar e manter o sucesso de quem o possui. Nesse contexto, a indústria da beleza se oferece com o discurso de libertação das antigas repressões emocionais vivenciadas pelas mulheres, divulgando produtos relacionados principalmente à possibilidade de experimentar mais prazer em sua vida, elaborando um corpo que não mais seja propriedade do marido, do pai, nem do patrão (Sant'Anna, 2001).

Partindo de tais considerações, iremos em busca das variações do processo em que o corpo é *locus* simbólico e social das transformações da feminilidade. Também esforçamo-nos em destrinchar questões sociais e culturais, bem como alguns elementos políticos nesse contexto em que o corpo se faz projeto de vida dessas mulheres. Para tanto, estabelecemos contato com um grupo de mulheres consumidoras de um tipo particular de novas tecnologias: a cirurgia plástica para fins de embelezamento.

No primeiro capítulo, intitulado **“Da costela ao bisturi – algumas considerações teóricas”**, fundamentamos algumas questões acerca da construção de “modos de feminilidade” reforçados por técnicas corporais. Tentamos brevemente delinear tentativas femininas de negociar, ao longo de nossa história, sua condição de existência através de projetos de corpo. Modelos fabricados no contexto da sociedade patriarcal brasileira, bem como aqueles repensados pelas teóricas feministas, são aqui explanados por estarem ligados a situações corporais que, em ambos os casos, inspiram definições estabilizadoras quanto à condição de “ser mulher”, a qual nosso trabalho, por sua vez, tenta investigar enquanto categoria autocrítica.

O segundo capítulo, **“Corpos em campo”**, aborda nossa incursão no universo da pesquisa, bem como o desenrolar de nosso trabalho. Trata-se de uma explanação descritiva dos métodos que utilizamos para realizar este trabalho, de nossas estratégias e da nossa relação com o universo contemplado.

Em **“Recortes do Corpo”**, estão nossas intervenções sobre as informações coletadas. Guiados por nosso referencial teórico, buscamos explorar e ampliar nossos questionamentos iniciais. Nele, alguma discussão quanto relações entre corporeidade, formas de sociabilidade, sexualidade, bem como sobre elementos que, a nosso ver, misturam-se a discursos humanistas e pós-humanistas e seus elementos ético-políticos refletidos na reconfiguração dos corpos.

Por fim, nas **“Considerações Finais”**, nossas últimas observações sobre o trabalho.

1. Da costela ao bisturi: algumas considerações teóricas.

As questões que cercam os debates sobre a construção do corpo feminino, em seus aspectos materiais e simbólicos, norteiam as reflexões teóricas deste trabalho. Acreditamos que *corporeidade, sexualidade e sociabilidade* são facetas desse mesmo processo, e que, por fim, sua relevância exprime-se na atual tendência em banalizar a idéia de que, à mulher consumidora, tudo é possível: toda a sorte de satisfação e realizações afetivo-sociais mediante o investimento que façam sobre elas mesmas.

O tema em questão, destarte, concentra-se nas técnicas corporais atreladas à construção do que se convencionou chamar de *feminilidade*. Pensar nesse termo já é por si só complexo. Optamos então por entendê-lo como um construto referente a uma moralidade feminina, distinta da masculina, definida não pela condição biológica, mas como ancorada em *práticas sociais*. Nossos questionamentos, portanto, remetem à existência de um modo feminino de se ver e se relacionar com o corpo. Ao investigarmos as estratégias de materialização do “*ser mulher*” por meio das cirurgias estéticas consumidas por um grupo específico de mulheres, refletimos sobre variantes culturais e sociais atreladas a uma lógica dinâmica na qual elementos políticos tanto podem ser subvertidos como reproduzidos. Aproximamo-nos, portanto, de sugestões como a de Flax (1992) em termos de se pensar as construções culturais baseadas na categoria “sexo” em contextos filosóficos amplos, pensando nas relações de gênero como simultaneamente parte e crítica desse processo.

1.1 A Invenção da Mulher

*“(...) Mandou, pois, o Senhor Deus um profundo sono a Adão e, enquanto ele estava dormindo, tirou uma de suas costelas, e pôs carne no lugar dela. E da costela, que tinha tirado de Adão, formou o Senhor Deus uma mulher. E a levou a Adão”.
(Gênesis: 1, 21-22).*

A famosa cirurgia plástica realizada pelo deus-criador da tradição ocidental, registrada no livro do Gênesis, fornece uma gama de elementos pertinentes para iniciarmos uma reflexão acerca do que viria a ser uma “concepção de mulher” propagada na imaginação das pessoas ao longo dos séculos. Tal argumento cristão, segundo o qual, desde o princípio do mundo, a existência da mulher esteve diretamente condicionada à do homem, permaneceu enraizado por vários momentos da história do Ocidente, legitimando contextos culturais combatidos, ao longo do tempo, por reações como a do movimento feminista, por exemplo.

A costela de Adão veio a ser, dessa forma, uma metáfora que encarna a dependência feminina diante do homem a ela pré-existente. Assim, de um lado, temos o Adão *sui generis*, exterior à mulher, e, do outro, uma Eva resultante da existência de seu antecessor. Tal relação se estabelece também num sentido concreto em que sua própria materialidade, experimentada na dimensão corpórea, advém do corpo do macho, que se flexiona para dar vida ao que veio a ser designado pelo deus criador como o seu complemento (a fêmea). Diante de tudo isso, o dever de “gratidão” do corpo da mulher perdurou por toda a sorte de regimes em que silenciou para satisfazer o domínio masculino.

Uma outra vertente dessa mesma história, em que o corpo feminino encontra-se inferior a seu outro, se exprime na passagem que traz a mulher como introdutora da morte e do mal no mundo:

“Disse Adão (ao Senhor Deus): ‘A mulher, que me deste por companheira, deu-me do fruto da árvore proibida, e comi’. E o Senhor Deus disse à mulher: ‘Por que fizeste isso?’. Ela respondeu: ‘A serpente enganou-me, e comi’. Disse também Deus à mulher: ‘Multiplicarei os teus trabalhos, e (especialmente os de) teus partos. Darás à luz com dor os filhos, e estarás sob o poder do teu marido, e ele te dominará’. E disse a Adão: Porque deste ouvidos à voz da tua mulher (...), a terra será maldita por tua causa; tirarás dela o sustento com trabalhos penosos todos os dias da tua vida”.

(Gênesis: 3, 12-17).

De tal modo, a mulher estava condenada, por definição, a pagar eternamente pelo erro de Eva, a primeira fêmea, aquela que “levou Adão ao pecado e tirou da humanidade futura a possibilidade de gozar da inocência paradisíaca” (Araújo, 2004: 46). Portanto, “(...) não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão (...)”. Entretanto, “ela será salva pela sua maternidade, desde que, com modéstia, permaneça na fé, no amor e na santidade” (Timóteo: 2, 14-15).

Prevalece também, nessas passagens das escrituras bíblicas, uma concepção de feminilidade corporalmente expressa na idéia de perigo que era atribuída à beleza e sensualidade da mulher:

“Beleza considerada perigosa, pois capaz de perverter os homens. (...) Sensualidade mortal, pois comparava-se a vagina a um poço sem fundo, no qual o sexo oposto naufragava”.

(Del Priore, 2000: 14).

A carne desse corpo é, assim, associada ao conceito de pecado, devendo-se evitar grandes atenções. O homem deveria ter receios quanto àquela porção corporal feminina atraente. A mulher deveria esquivar-se das pulsões da pele e voltar-se ao cultivo da nobreza de sua alma. Para tanto, reforçava-se o repúdio à vaidade, a qual só viria a acirrar ainda

mais a “tentação da carne feminina”, lógica que pouco se assemelha ao hedonismo com que a pele é trabalhada, destrinchada e moldada nos dias de hoje, por meio das inovações cosméticas.

Já nos primórdios da constituição da sociedade brasileira, à época da ocupação de nosso território, as orientações comportamentais destinadas às mulheres de bons costumes (entendidas como o grupo das brancas e livres) condiziam com a tradição bíblica de construir um corpo distante do pecado. Pregava-se a resignação, em oposição à desobediência de Eva, a primeira mulher, culpada pela degeneração da espécie humana. A corporeidade, então, soava como estratégia para materializar a postura dócil e obediente então atribuída à mulher da época. Incluía-se, aí, questões político-sexuais: o silêncio do corpo correspondia à clausura da mulher nos limites do lar, bem como era acompanhado pelo domínio de técnicas corporais que expressassem sua subserviência. Desse modo, gestão e controle se faziam mesmo num âmbito em que, teoricamente, poderia se pensar livre, por estar relacionado à esfera da intimidade. Entretanto, o político estava bem presente, uma vez que ali se encontrava uma moral baseada no afeto: mesmo em seu cativeiro, o corpo feminino deveria guardar todas as regras morais, bem como se esforçar para suprimir a latência dos desejos (Soihet, 1998), esquivando-se, assim, de pensamentos pecaminosos, de modo especial aqueles ligados ao corpo. Assim, a interiorização individual da regra coletiva tornava-se objeto de uma questão pessoal e privada (Revel, 1986).

A percepção do saber médico colonial sobre o corpo feminino era toda voltada para a maternidade (Del Priore, 1993). De acordo com Angeli (2004), os médicos chegavam mesmo a fazer conexão entre o útero e o sistema nervoso central, sugerindo que as atividades intelectuais femininas eram vistas como possíveis causadoras de distúrbios, provocando a geração de crianças doentes e mal formadas. A elas, portanto, restavam

funções como aquela considerada a dádiva-mor oferecida por Deus à mulher: a capacidade de gerar. De acordo com a mentalidade religiosa dominante naquele contexto, era na maternidade que residia o poder feminino de redimir o pecado original de Eva. Condizente a isso, seu corpo deveria ser terno e delicado, emparelhado à sua função sagrada de dar continuidade aos projetos do criador:

“A mulher poderia resgatar o gênero humano do vale de lágrimas que bracejava, chamando a si a permanente tarefa da maternidade. Nessa perspectiva, o aborto corporificava maior monstruosidade. Além de privar o céu de anjinhos, ao privar-se das ‘incomodidades da prenhez’ a mulher estava fugindo às responsabilidades de salvar, no seu papel de boa mãe, o mundo inteiro” (Del Priore, 1993: 298).

O destino do corpo reprodutor embutia, assim, valores que distinguiam a mulher branca e livre: a “mulher de família”, “mulher pra casar”, distanciando-se ao máximo de comportamentos voluptuosos para manter a distinção diante das demais, conforme observou Gilberto Freyre (2000:85): “Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”. Constituíam-se, também aqui, para além da supremacia corporal, a supremacia de um modelo afetivo-racional, em que emoções (pudor e vergonha manifestados em artefatos corporais) configuravam-se em estratégia para se manter determinada posição social.

As orientações de teólogos e moralistas sugeriam uma sexualidade não destinada ao prazer corporal, condenando, por exemplo, o coito com o homem em pé, sentado ou por baixo da mulher, “casos em que o esperma procriador poderia desperdiçar-se ao não entrar no lugar certo” (Araújo, 2004: 52). Tratava-se daquilo que Houbre (2003) denominou como sendo uma “natureza feminina sistematizada”, cristalizada na subordinação irremediável da mulher ao seu corpo e sua capacidade de gerar filhos: é, portanto, a puberdade que torna o corpo das mulheres socialmente útil:

“A jovem existe, socialmente, primeiro por seu corpo e é no momento da puberdade que ela ganha sentido pleno: é de fato neste momento crucial que o

corpo feminino, apto para a maternidade, torna-se importante no patrimônio social” (Idem, *Ibidem*: 107).

A lascívia, por sua vez, era abominada, pois despertava a louca paixão erótica e levava à “cópula irresponsável”, de puro prazer e sem o objetivo da gravidez (o que mais tarde Giddens (1992) viria a aproximar da “sexualidade plástica”). Diante de tais valores morais, exaltava-se a fecunda mulher “cadeiruda”, considerada mais ortodoxamente feminina:

“Ancas eram o símbolo da mulher sexuada, desejável e fecunda. Feliz prisioneira dessas formas, ela sublinhava a relação entre sua conformação anatômica e sua função biológica e, ao mesmo tempo, sagrada: reproduzir, procriar, perpetuar” (Del Priore, 2002: 58).

É importante notar que, apesar da domesticação do corpo a que a mulher livre e branca era submetida para manter seu valor simbólico, não era totalmente inocente e passiva, uma vez que, através das estratégias de adequação aos valores vigentes, (auxiliando, portanto, a reprodução do sistema), ela detinha certos privilégios sociais em relação a outras mulheres, muitas delas marginalizadas por sua condição corporal.

Perdurou, ao longo da história ocidental, o ideário que considerava a subordinação feminina naturalmente condicionada e originalmente constituída, além de concepções segundo as quais, para cada condição corporal, esperava-se um tipo de comportamento: Mulher branca: moralidade, pureza, decência. Mulher “de cor”: voluptuosidade, sensualidade, mais próxima da imoralidade, portanto. Num esquema em que o corpo biológico adquiria identidades de gênero, a natureza era levada para o contexto das relações sociais vigentes, sendo “manipulada” em prol da manutenção de arranjos políticos. Para aquele imaginário, então, parecia mais ou menos simplificada a relação entre a “natureza da mulher” e suas experiências sociais.

O doutrinamento desses corpos começa a ser abalado durante o período entre as duas guerras, quando a idéia de uma educação sexual começa a se sedimentar, configurando um relaxamento dos costumes que passa a amendontrar a igreja (Houbre, 2003: 114):

“No período entre as duas guerras, temos mais fontes que nos permitem estudar não apenas o discurso, as práticas da sexualidade. As fontes de caráter autobiográfico são particularmente mais numerosas neste período do que no século XIX e, principalmente, mais significativas, permitindo fazer observações sobre a sexualidade das jovens e, também, sobre a sexualidade feminina no interior da vida conjugal” (Idem, Ibidem: 114).

A progressiva autonomização do corpo feminino tem continuidade com as abordagens feministas desenvolvidas após finais da década de 1960 vêm considerar a existência da subordinação feminina, questionando, entretanto, seu suposto caráter natural:

“Em termos políticos [as feministas] consideram que as mulheres ocupam lugares sociais em relação aos mundos masculinos. A subordinação feminina é pensada como algo que varia em função da época histórica e do lugar do mundo que se estude. No entanto, ela é pensada como universal, na medida em que parece ocorrer em todas as partes e em todos os períodos históricos conhecidos” (Piscitelli, 2002: 9).

Contrariamente às determinações de um deus que impôs uma inexorável condição inferior da mulher, as diversas correntes do pensamento feminista sustentaram que tal subordinação resulta dos modos como ela é construída socialmente. Isto constitui um fator fundamental, segundo Piscitelli, uma vez que a idéia embutida é a de que o que é construído pode ser modificado. Assim, transformando a “concepção de mulher”, seria possível mudar o espaço por ela ocupado. Foi nesse sentido que o feminismo constituiu-se em “um amplo espectro de discursos diversos sobre as relações de poder”, desmascarando qualquer argumento de essência da mulher que pretendesse eternizar a supremacia masculina (Costa, 1998). Quanto a isso, faz-se interessante um breve delineamento das principais correntes do pensamento feminista que adquiriram proeminência a partir de

finais da década de 1960, de modo particular nos Estados Unidos e Inglaterra. Dentre elas, Piscitelli (2002) menciona o feminismo socialista, bem como o feminismo radical, que se faz aqui importante por ter sido uma linha de pensamento na qual o corpo apareceu como o “centro de onde emana e para onde convergem opressão sexual e desigualdade” (Idem, *Ibidem*: 12).

Segundo Firestone (apud Piscitelli, 2002), as origens da subordinação feminina estão claramente localizadas no processo reprodutivo. Os papéis designados a homens e mulheres na reprodução da espécie seriam, por assim dizer, fatores determinantes de onde afloram elementos fortalecedores do domínio dos homens sobre as mulheres:

“De acordo com Firestone, o papel das mulheres no processo reprodutivo – uma vez que são os únicos seres humanos capazes de engravidar e amamentar e dado que os bebês humanos têm um período extraordinariamente prolongado de dependência física – as torna prisioneiras da biologia, forçando-as a depender dos homens (...). Desenvolvendo a análise dessa condição, essas correntes de pensamento trabalham recorrentemente com uma série de categorias e conceitos fundamentais, particularmente, mulher, opressão e patriarcado” (Idem, *Ibidem*: 11, 12).

De fato, tais argumentos foram inovadores ao permitirem “teorizar com mais destreza as complexas e fluidas relações e tecnologias de poder”, uma vez que destituíram de sentido argumentos biológicos para justificar as relações desiguais (Costa, 1998:4). Alguns elementos do pensamento feminista, entretanto, nos parecem falhos, no sentido de não prover de questionamentos políticos uma outra vertente da desigualdade já exposta no caso de algumas relações sociais no contexto do Brasil-colônia (baseadas também na corporeidade, bem como na idéia de “essência” da mulher): as disparidades que se davam entre as diversas mulheres não correspondem à idéia de um grupo homogêneo, no qual as feministas pareciam querer enquadrar as mulheres para fins analíticos:

“Veja-se, por exemplo, a postura de Overing, que descarta que o gênero sirva de metáfora para outras classificações hierarquizantes, pois afirma que ‘o

simbolismo do gênero está frequentemente associado com teorias extremamente complexas sobre a energia do universo’ e, especialmente, ‘nas sociedades sul-americanas pode fornecer um paradigma das forças operando no cosmos, e que são responsáveis pela ordem, pelo eterno, pelo efêmero, pela criação, periodicidade e destruição”(Heilborn, 1992: 105).

Do mesmo modo, nos é cara a abordagem de Scott (apud Soihet, 1998: 3):

“Scott propõe a política como domínio de utilização de gênero para análise histórica. (...) Acredita que o aprofundamento da análise dos diversos usos do gênero para justificativa ou explicação de posições de poder fará emergir uma nova história que oferecerá novas perspectivas às velhas questões; redefinirá as antigas questões em termos novos”.

Estabelecer categorias baseadas em “comportamentos esperados” para cada grupo de indivíduos é, no mínimo, limitante, e se aproxima das mesmas expectativas prescritivas da mentalidade colonial, tão criticada pelas feministas, justamente por tentar enquadrar as atitudes dos indivíduos de acordo com pressupostos que também terminam por se estruturar sobre a apresentação corporal de cada um.

Além disso, se a perspectiva do feminismo radical coloca a origem da desigualdade *homem X mulher* na corporeidade feminina, demarcada por sua função procriadora, para nós a questão se complexifica: embora não seja nosso intuito discorrer sobre do que derivam as “desigualdades por gênero”, esclarecemos que a realização de nosso trabalho foi guiada pela tentativa de nos aproximar de abordagens que encarem a questão do “gênero” enquanto integrante da dinâmica das relações sociais, e não como “mera oposição de seres inerentemente diferentes” (Flax, 1992: 228).

Se voltarmos nossa atenção para um outro momento da história brasileira, no qual, especialmente, a exibição corporal torna-se determinante nas relações sociais, também perceberemos o quanto se fazem insuficientes abordagens desse tipo: falemos das transformações na sociedade brasileira à época do início da República, em que sobressaem elementos que comprovam o quanto perene é a tentativa de elaborar identidades

corporificadas. Tal complexidade se mostra, por exemplo, no momento de explosão urbana apontado por Schpun (1997), quando então a oligarquia paulista passa a buscar formas de organizar o espaço urbano a fim de dar à cidade uma imagem na qual *as elites se reconheçam*. Elas passam a necessitar de *códigos de diferenciação* e de *hierarquização dos espaços*, com o objetivo de evitarem a mistura de classes, bem como *riscos de indefinição* causados pelo fenômeno inédito da multidão nas ruas (fenômeno no qual representantes da elite inevitavelmente se misturavam com imigrantes e remanescentes da escravidão).

Ocorre, concomitantemente, a crescente incorporação daquela mulher branca, que antes vivia nos confins do lar, à esfera pública. Para tanto, elas tiveram que adequar-se às normas e códigos sexuados, uma vez que homens e mulheres não tinham um acesso igualitário a espaços e práticas de sociabilidade coletiva. Num primeiro momento, portanto, as relações de desigualdade de acesso se fizeram limitadas por regras baseadas na “categoria sexo”. Entretanto, outros códigos de sociabilidade são apontados por Schpun:

“As mulheres da elite eram, então, as mais novas – e mais raras – personagens a despontar no cenário urbano, enquanto as mulheres pobres freqüentavam a cidade desde há muito tempo, e o processo de urbanização se faz mesmo por meio de normas restritivas quanto a essa presença, empurrando vendedoras e trabalhadoras flutuantes para locais mais afastados e preservando áreas centrais para uma frequência nobre”(Idem, *Ibidem*: 51).

Uma vez que as relações de desigualdade supracitadas não se fundamentavam no sexo, parece ser mais frutífero analisá-las considerando que mudanças políticas, nesse caso, sugeriram uma “nova mulher”, formando um cenário sócio-cultural em que padrões de feminilidade foram recriados. Isso se reflete também nas novas apresentações corporais ao longo daquele século, no qual, com a maior visibilidade e contato dos corpos, surgem novas percepções da presença física. Um novo trabalho estético passa a ser exigido: agora ele tem que ser readaptado às novas tendências. Assim, condizente com o novo ritmo de vida dos



centros urbanos, bem como com a aproximação dos corpos e suas novas avaliações, seus artefatos passam a simbolizar sensualidade e vida ativa:

“Para além do ‘corpinho’ e de cintas, o corpo começa a se soltar. O famoso costureiro francês Paul Poiret rompe com o modelo de ancas majestosas e seios pesados para substituí-lo por outro”(Del Priore, 2000: 6).

Logo mais,

“livre dos espartilhos, usados até o final do século 19, a mulher começava a ter mais liberdade e já se permitia mostrar as pernas, o colo e usar maquilagem. (...) A silhueta dos anos 20 era tubular, com os vestidos mais curtos, leves e elegantes, geralmente em seda, deixando braços e costas à mostra, o que facilitava os movimentos frenéticos exigidos pelo Charleston - dança vigorosa, com movimentos para os lados a partir dos joelhos. As meias eram em tons de bege, sugerindo pernas nuas²”.

Do mesmo modo, o *glamour* dos acessórios sobre o corpo passa a ser uma ferramenta auxiliar dos objetivos de distinção, o que se aproxima da ótica de Bourdieu:

“As representações dos agentes variam segundo sua posição (e os interesses que estão associados a ela) e segundo seu *habitus* como sistema de esquemas de percepção e apreciação, como estruturas cognitivas e avaliatórias que eles adquirem através da experiência durável de uma posição do mundo social. O *habitus* é ao mesmo tempo um sistema de esquemas de percepção e apreciação das práticas” (Bourdieu, 1990: 158).

Artefatos e a prática de uma nova gestualidade se unem para fazer do corpo um instrumento dentro das exigências das novas relações sociais. Destarte, cada ator empenha-se em controlar a imagem que dá ao outro, a fim de manter o capital simbólico atribuído a sua corporeidade.

O cinema hollywoodiano foi grande disseminador de novos costumes de novos modos corporais: o glamour das atrizes e suas indumentárias, copiadas no mundo inteiro, não fazia mais do que sugerir o consumo de uma nova personalidade feminina. Assim, se antes o uso

² Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/anos20.htm>

das vestimentas era mediado pela finalidade de reforçar o pudor, passaram a ter a função de garantir o valor simbólico do grupo que então passa a dominar as relações sociais e seus novos atributos, participando da fortificação de um “conjunto de significados impregnados de símbolos culturais, conceitos normativos, institucionalidades e subjetividades sexuadas” (Scott, 1990 apud Macedo, 2002: 57). Elegância corporal e “sensualidade” (esta já embutida de novas variáveis, como por exemplo, os limites entre “sensualidade e vulgaridade”, também utilizadas para delimitar relações entre os “tipos” de mulher) passam agora a ser critérios distintivos entre as mulheres. Mais uma vez percebemos a não-univocidade entre elas. Para além da relação homem X mulher, o conceito de gênero assim pensado também regula a relação mulher X mulher (Macedo, 2002). A atuação feminina não deixa de se fazer sentir, “através de complexos contra-poderes: poder maternal, poder social, poder sobre outras mulheres e ‘compensações’ no jogo da sedução e do reinado feminino” (Soihet, 1998: 4). Acreditamos, então, que

nenhuma de nós pode falar pela ‘mulher’, porque tal pessoa só existe dentro de um conjunto específico de relações (...) com o ‘homem’ e com muitas mulheres concretas (Flax, 1992: 248).

Do mesmo modo, anos mais tarde, a atriz Leila Diniz veio a colidir com valores, inclusive das “tão mulheres” quanto ela: num trabalho em que tenta relacionar questões de gênero, sexualidade e desvio, Goldenberg (1995) estuda a trajetória da atriz Leila Diniz, lembrada até os dias de hoje como uma mulher que subverteu os padrões comportamentais esperados das mulheres de sua época: “Ícone de uma geração, ela simbolizou as mudanças no comportamento feminino, ocorridas na década de 1960, particularmente no que diz respeito à sexualidade, conjugalidade e maternidade” (Idem, 2005: 22):

“Quando, em 1971, Leila exibiu sua barriga, grávida, de biquíni, na praia de Ipanema, scandalizou e lançou moda. Foi capa de revistas e manchete de jornais por ter sido a primeira mulher a não esconder a barriga em roupas largas e

escuras, consideradas mais adequadas a uma grávida. Não só engravidou sem ser casada com também exibiu uma imagem alternativa à grávida tradicional, que escondia a barriga. A barriga grávida materializou, objetivou, corporificou seu comportamento sexual transgressor. Ícone das décadas de 1960 e 1970, Leila Diniz permanece, até hoje, como símbolo da mulher carioca, que encarna, melhor do que ninguém, o espírito da cidade: corpo seminu, sedução, prazer, liberdade, sexualidade, alegria, espontaneidade”(Idem, *Ibidem*, p. 48).

Leila Diniz também entrelaça, através de sua exibição corporal, concepções profanas e concepções sagradas acerca da condição da mulher: a uma só vez, ela não só rompeu com determinados comportamentos esperados de sua corporalidade (por exemplo, ao exibi-lo “descoberto”, utilizando trajes de banho inapropriados à mulher grávida), como também corporificou elementos de transgressão relacionado à gravidez: sensualidade e luxúria inscritas em seu corpo por meio de artefatos, beirando à “vulgaridade”, colidiram com o ideal de pureza, bem como com a noção de graça divina atrelada à seu estado. Em suma, Leila transgrediu, em seu corpo, os modos de *ser mulher* programados para sua época.

Assim, levamos em consideração a manufatura do corpo para pensarmos nos modelos femininos que percebemos em nosso trabalho. De antemão, pensamos no consumo das práticas corporais por nós investigadas enquanto um processo conflitante, onde o estável e o fluido por diversas vezes confundem-se, mas que, no final das contas, diz respeito à capacidade do ser humano de se refazer, reinventar-se. E, mesmo que discursos sejam reiterados, eles sempre adquirem nova roupagem, e se reapresentam com novas estratégias, cada vez que o ser humano parece prestes a cair na armadilha do usual.

Aproximamos-nos, também, dos questionamentos de Judith Butler, que propõe submeter noções de corpo e materialidade a uma crítica desconstrutiva:

“Desconstruir o conceito de matéria ou de corpo não é negar ou recusar ambos os termos. Significa continuar a usá-los, repeti-los, subversivamente, e deslocá-los

dos contextos nos quais foram dispostos como instrumentos de poder opressor” (Butler, 1998: 15).

Assim, seu fio condutor é o confronto das conceitualizações que pensam as identidades como fixas:

“A autora considera necessário refletir, de maneira crítica, sobre os meios através dos quais sexo e gênero passaram a ser considerados como ‘dados’. Com esse objetivo, ela propõe uma pesquisa genealógica que, ao mostrar como foi construída a dualidade sexual, como diversos discursos científicos produziram essa dualidade discursivamente, desafie o caráter imutável do sexo. Nesse procedimento, o sexo aparece como culturalmente construído. Por esse motivo, Butler considera que o gênero não deveria ser pensado como simples inscrição cultural de significado sobre um sexo que é considerado como ‘dato’. Gênero deveria designar o aparelho de produção, o meio discursivo/cultural através do qual a natureza sexuada, ou o sexo ‘natural’ são produzidos e estabelecidos com pré-discursivos”.

(Piscitelli, p.27).

Ademais, a autora tece críticas ao fato das feministas pretenderem mostrar a existência de uma identidade entre as mulheres, a qual se construía sobre as condições de existência que elas compartilhavam. Seu esforço se faz por mostrar que “Gênero” seria a estilização repetida do corpo, em prol de um comportamento socialmente esperado diante de um contexto biológico. Assim, ela passa a indicar os limites dessas análises que definiriam por antecipação as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis de gênero na cultura (Rodrigues, 2003). Um conjunto de atos reiterados dentro de um marco regulador altamente rígido tornou-se dominante, produzindo a aparência de uma substância, de uma espécie de ser natural:

“Atos e gestos produziram o efeito de uma substância. Mas, esses atos e gestos seriam ‘performáticos’, no sentido em que a essência ou identidade que supostamente expressam são construções manufaturadas e sustentadas através de signos corporais e de outros meios”.

(Piscitelli, 2002: 28).

A visão Butlerniana, ao pensar a diferença social como materialmente construída, nos é útil para pensarmos em nosso universo, principalmente por tratar de formas de feminilidade e de corpos performativos (femininos) que se esforçam para expressar uma possível identificação que se espera de sua proprietária.

Também com uma perspectiva quanto aos usos que podemos fazer de nosso corpo, Donna Haraway (2002), em seu mito político *Ciborgue*, vislumbra uma sociedade pós-gênero que se viabiliza através das novas tecnologias. Categorias como gênero, para ela, seriam corporificadas, e dessa forma, todo sofrimento social, incluindo-se o papel de inferioridade atribuído à mulher na sociedade, só existiria devido a tendência a associar a identidade de cada sexo a uma forma corporal. A liberdade estaria mais próxima de uma sociedade em que o corpo não encarnasse desigualdades. A tecnologia, segundo ela, seria libertadora, uma vez que viria a desestabilizar fronteiras entre masculino e feminino.

É desse modo que nos apoiamos em embasamentos teóricos que propiciem o pensar no consumo das cirurgias estéticas como um processo através do qual poderemos ter indícios do que vem sendo difundido acerca dos padrões de feminilidade vigentes. Para tal, consideramos de início que tais práticas podem servir, ambigualmente, tanto para reforçar esses padrões, criando corpos cujo interesse primordial é a adequação dentro do esperado socialmente, quanto para, num processo concomitante a esse, falarmos de um espaço de criatividade em que o consumo das cirurgias estéticas, por si só, já aponta novas liberações da feminilidade, colaborando na vivência da condição de “mulher”. O que aproxima os dois aspectos, a nosso ver, é justamente a performatividade do corpo que tenta expressar as intenções das consumidoras. De qualquer forma, pensamos no corpo como um elo de ligação entre o indivíduo e o coletivo (Sant’Anna, 2005). Em outras palavras, ao mesmo tempo em que falamos de uma performatividade que indica que tais mulheres estão se

submetendo às práticas corporais que terminam por materializar uma feminilidade socialmente aprovada, também nos preocupamos em analisar esse processo pensando nas tecnologias corporais contemporâneas como um instrumento de poder e de cuidados para consigo mesmas (o que não era comum em tempos passados, como já vimos), através dos quais as usuárias elaboram seu corpo de modo a sentirem-se capacitadas a interagir nas estruturas sociais em que estão inseridas. Há, portanto, um espaço de instabilidade e inovações onde não apenas a materialização, mas também a rematerialização, são possíveis. Uma esfera onde o poder sobre o corpo e a resposta que este dá se interpenetram. Aqui, a interpretação de Foucault (1998) também se faz extremamente relevante ao percebermos o corpo como construto social para além de seu caráter biológico. Analisando a sociedade francesa do século XVIII, período marcado pela ascensão da burguesia, o autor estabeleceu uma relação direta de poder através do controle que o Estado e as instituições sociais exercem sobre o corpo (biopoder). Em uma sociedade onde se faz presente o uso do controle e da exclusão dos indivíduos considerados degenerados, loucos, criminosos e doentes, Foucault elaborou a idéia de anátomo-política do corpo, em que este é objetivado e racionalizado pelo poder, numa busca incessante pela otimização de suas capacidades. Tal poder não só é exercido pelo Estado: ele está descentralizado, inserido no dia-a-dia dos indivíduos. A disciplina possibilita uma ação direta sobre o corpo, surgindo assim o corpo social. Tal domínio deve ser exercido, inclusive, por cada um sobre si mesmo. Surge, então, o conceito de “corpo dócil”, fabricado pela disciplina, com o objetivo de aumentar sua utilidade econômica, numa relação direta entre docilidade e utilidade.

O discurso de Foucault nos leva a argumentar que, no atual contexto sócio-histórico, corpos continuam sendo monitorados, embora através de instrumentos diferentes dos expostos pelo autor, mas tal monitoração implica também agência nos arranjos sociais.

Em suma, a orientação teórica desse trabalho busca mostrar que restrições e liberações da feminilidade não se mostram excludentes nesse contexto. Aqui pretendemos nos utilizar da idéia de “múltiplas possibilidades monitoradas”, o que se aproxima da abordagem de Bauman. É assim que tratamos do eterno porvir da construção de formas de feminilidade, para as quais as cirurgias estéticas contribuem.

2. Corpos em campo

Assistimos, na atualidade, a uma exacerbação da construção corporal, onde o corpo natural sofre desafios de forma drástica: corpos anabolizados, cirurgias cosméticas, uso de próteses, malhação exaustiva, perfurações no corpo, técnicas de suspensão corporal, dietas milagrosas. Aliados ao que Gonçalves (2004) chama de “estilo de vida hodierno”, os cuidados estéticos contemporâneos expressam-se no fato de cada vez mais pessoas de todas as classes sociais, homens, mulheres (de várias idades) lançarem mão de recursos (e discursos) colocados à disposição do consumo pela mídia e pelo aparato tecno-político-científico para intervir em seus corpos:

“Da simples tonificação muscular, passando pela hipertrofia e hiperplasia conseguidos na academia até às mudanças de sexo, implantes artificiais/naturais e os complicados processos de clonagem implementados nos laboratórios, o corpo se revela como uma das últimas fronteiras a ser explorada” (Gonçalves, 2004: 105).

O medo da degeneração física e o desejo de eliminar características estéticas desagradáveis fazem com que a recorrência a essas cirurgias ganhe ainda mais proporções. Essa tendência, de acordo com pesquisas, vem sendo amplamente difundida, a ponto de se fortalecer entre mulheres de diferentes faixas etárias.

“Cada vez mais jovens, as mulheres estão se submetendo a cirurgias plásticas ou usando técnicas para retardar o aparecimento das indesejáveis rugas. Meninas cujos corpos ainda estão desabrochando, não pensam duas vezes ao apressar o encontro com o bisturi e tentar eliminar frustrações com suas formas. Lipoaspiração, botox, próteses, regimes exagerados e exercícios exaustivos são os artifícios mais comuns para alcançar um objetivo: seguir o padrão de beleza imposto pela sociedade. Para se ter uma idéia, de acordo com pesquisa encomendada pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica ao Instituto Gallup, dos 621.342 procedimentos cirúrgicos registrados no ano de 2003 – a maioria em

mulheres (quase 70%) –, 94.845 foram realizados em jovens entre 14 e 18 anos, mais da metade com propósito estético”.³

Nesse contexto amplo, a cirurgia estética passa por um desenvolvimento considerável, aumentado por esse sentimento de maleabilidade do corpo:

“Inúmeras são as matérias, sobretudo em revistas especializadas, em que são divulgadas as precisões de novas descobertas nas técnicas, nos aparelhos, nos métodos, assim como a ‘simplicidade’ de uma cirurgia: cortes pequenos, cicatrização perfeita, dores minimizadas e eficácia. O tema se torna parte do cotidiano, sobretudo no período do verão, intensificado ainda com o carnaval” (Ribeiro, 2003:1)⁴.

Como exemplo da importância do fenômeno da em nossa sociedade, Ribeiro (Ibidem) relembra o fato ocorrido em 2003, quando às vésperas do carnaval acabou o estoque de silicone do país, devido a grande procura nas clínicas:

“Enquanto algumas mulheres queriam colocar silicone pela primeira vez, outras procuravam os médicos para aumentar ainda mais a quantidade já colocada no busto. Nesse período, também veio a público – ainda que timidamente – a quantidade que seria permitida (ou aconselhável) de silicone sem causar danos, já que muitas mulheres estavam *exagerando*”(Idem, Ibidem: 2).

A concentração de clínicas de cirurgia plástica, academias e salões de beleza no Rio de Janeiro chegou mesmo a fazer com que o francês Alexander Edmonds voltasse sua atenção para uma “antropologia da beleza” (Edmonds, 2002). Assistindo ao carnaval do Rio de Janeiro em 1999, pensando que isso seria um bom ponto de partida para sua

³ Fonte:

<http://www.oi.com.br/data/Pages/ADE7C5B0ITEMIDAF31811B89114B69A4B27B37BEFD71C4PTBRIE.htm>

⁴ Disponível em

<http://www.antropologia.com.br/arti/colab/vram2003/a13-lbribeiro.pdf>

pesquisa sobre “o papel da cultura afro-brasileira na construção da identidade nacional”, o autor deparou-se com um imprevisto:

“(…) O enredo que mais atraiu minha atenção não fazia louvor a Zumbi ou aos quilombos, mas a alguém que, para mim, parecia um herói muito improvável: o cirurgião plástico Ivo Pitanguy⁵. Embora soubesse que o Rio é conhecido por seu *culto ao corpo*, o arsenal de técnicas de beleza – da lipoescultura à malhação – era, pensava, privilégio dos ricos. Por que uma escola de samba escolhera conceder sua honra mais alta ao queridinho da “sociedade” do Rio?” (Edmonds, 2002: 189).

Talvez uma breve justificativa desses primeiros questionamentos de Edmonds possa se basear nas observações de Ribeiro (2003):

“O prestígio dos cirurgiões plásticos brasileiros percorre o mundo⁶, tendo provocado até uma brincadeira que diz que o Brasil agora é conhecido pelo carnaval, futebol e cirurgia plástica. Grande parte desse sucesso é atribuída a Ivo Pitanguy, um dos maiores cirurgiões plásticos do mundo, que salienta em seu currículo ter operado muitas pessoas famosas nacional e internacionalmente, mas que diz também orgulhar-se por sua clientela englobar todas as classes sociais” (Ribeiro, 2003: 4).

A consideração da beleza como um “direito” estendido a todas as classes sociais faz-se mesmo no intuito de desmistificá-la enquanto futilidade, transformando-a em um bem necessário nos dias atuais. Nas palavras do próprio Ivo Pitanguy, citadas no trabalho de Edmonds (2002: 190): “Nunca acreditei que a cirurgia plástica era só para os ricos; os pobres têm direito a serem bonitos”.

Entretanto, nos estudos sociológicos e antropológicos sobre o fenômeno, nem todos têm uma visão positiva acerca da popularidade dessas técnicas de embelezamento. Se para alguns elas soam como prática de subversão e de construção de novas formas de sexualidade e sociabilidade da mulher contemporânea, negando sua condição de mera

⁵ *No universo da beleza, mestre Pitanguy*; samba enredo da Caprichosos de Pilares no Carnaval de 1999.

⁶ O enaltecimento do quadro de profissionais brasileiros nessa área é feito inclusive no próprio site da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica: “A cirurgia plástica no Brasil é referência mundial devido a excelência na formação de seus profissionais”. Disponível em <http://www.cirurgiaplastica.org.br/publico/index.cfm>

reprodutora da espécie humana e consumindo em busca de satisfação, para outros são técnicas corporais que caracterizam a herança da docilidade e submissão do corpo feminino aos desejos e patriarcais.

Detendo-nos sobre o fenômeno num universo mais específico, procuramos investigar suas facetas na cidade de Recife, onde a procura por clínicas especializadas cresce significativamente⁷, apesar de serem poucos os estudos de caráter sociológico e antropológico sobre tal. A grande maioria dos trabalhos a que tivemos acesso debruçava-se sobre a questão de modo preponderante na região sudeste. Nosso intuito foi, então, perceber a realidade local, embora não tenhamos deixado de lado a possibilidade de perceber em que aspectos essa se aproxima ou se distancia dos hábitos de consumo estético analisados em outros estudos sobre o tema, que, como já mencionamos, concentram-se principalmente em outras regiões do país, principalmente no eixo Rio - São Paulo.

A partir de então, tivemos a preocupação de selecionar as clínicas estéticas recifenses cujo histórico de fato nos apresentasse materiais para reflexões acerca da crescente difusão das técnicas de embelezamento tal como percebemos na contemporaneidade. Para tanto, chegamos inclusive a consultar, em antigas edições de jornais locais, propagandas de centros estéticos. Alguns já não mais existiam; outros continuavam bastante visíveis na mídia. Foram esses últimos que, num primeiro momento, chamaram nossa atenção e nos atraíram para sua exploração.

Após a procura por espaços físicos para nossa pesquisa, iniciamos nossa observação “*in loco*” e logo nos deparamos com as mesmas impressões iniciais tidas por Pereira (2001) num dos poucos trabalhos a que tivemos acesso sobre o consumo das cirurgias estéticas em Recife. Tal como a autora, pudemos perceber uma presença majoritária das clínicas em

⁷ Jornal do Commercio, caderno especial, 20 de setembro de 2004.

bairros de classe média alta da cidade, o que não significa dizer, como procuraremos demonstrar mais adiante, que elas fossem freqüentadas exclusivamente por pessoas de poder aquisitivo correspondente. Observando a estrutura física dos nossos locais de observação, confirmamos o que alguns pesquisadores já haviam percebido:

“É muito comum se encontrarem ali anúncios de modelos famosos e até fotografias de clientes antes e depois de se submeterem aos tratamentos. Para algumas especialistas, “o antes e o depois” é o alvo principal de marketing dessas clínicas, pois com essa prova virtual o cliente pode comprovar a eficácia ou não do trabalho, tendo uma prévia noção da mudança e da diferença do corpo. Algumas instituições, além de exibirem fotos de clientes, incorporam em sua decoração cartazes que trazem fotografias de comidas, juntamente com frases de auto ajuda, como por exemplo: *emagrecer sem passar fome, reeducação alimentar o segredo do sucesso. Ou emagreça com sucesso e alegria; você quer, você merece! Acredite e conquiste!* Tais “slogans” têm a função de motivar os freqüentadores a lutarem contra o “inimigo maior”, ou seja, a gordura” (Pereira, 2001: 114).

Em busca de relevâncias para os objetivos a que a pesquisa se propõe, procuramos conversar com as pessoas mais diretamente relacionadas à gerência dos locais. Num dos espaços investigados, uma tradicional clínica que possui filiais em outros bairros da cidade, bem como no interior do estado, a gerência ressaltou a importância da clínica desde a década de 80, época em que, segundo sua fala,

“a questão estética não tinha tanta força quanto tem hoje. Com o tempo, as pessoas de todas as idades passaram a depender de uma boa forma física. E não foi apenas por questão de beleza. Foi por questão de necessidade mesmo, porque hoje em dia se sabe muito mais sobre os malefícios relacionados ao peso”.

Em outra instituição visitada, fez-se questão de ressaltar a trajetória da clínica e sua importância na análise da tradição do fenômeno da cirurgia plástica na cidade:

“Quando iniciamos nossas atividades, na década de 80, ainda não tínhamos tantos recursos, e, de fato, nossos serviços deixavam a desejar. Daí então, como nossa preocupação é com o constante aprimoramento de nossos serviços e a satisfação de nossos clientes, procuramos investir na qualificação de nossos profissionais. Eles adquiriram mais experiência nos maiores centros de medicina estética do mundo, dos Estados Unidos a Europa”.

Comparando os diferentes espaços físicos visitados, concluímos que não houve grande variação entre suas propostas nem quanto suas modernas instalações.

A partir dessas primeiras incursões, passamos a nos preocupar com as experiências das mulheres que consumiam tais serviços.

Foram realizadas doze entrevistas, sendo oito delas nas clínicas de estética e as outras quatro fora desse espaço (através das mulheres entrevistadas anteriormente, às quais solicitávamos que indicassem alguma conhecida que também fez cirurgia plástica, sendo nossos diálogos, nesse caso, realizados em locais sugeridos pelas próprias informantes).

Quanto à escolha das entrevistadas, geralmente solicitávamos que a pessoa responsável pelas clínicas no momento nos apresentasse alguma paciente que estivesse disponível para conversar conosco. É importante ressaltar que algumas dessas já haviam feito a cirurgia plástica há algum tempo e estavam nas clínicas para “reforçar” os cuidados, e, para tanto, consumiam outros serviços das clínicas. Ainda assim conversamos com aquelas que ainda não passaram pela cirurgia, mas faziam parte do universo da clínica, para fins de enriquecimento dos nossos dados.

A idade das informantes variou entre 20 e 51 anos, o que nos pareceu um indício da disseminação dos cuidados do corpo, bem como de um ideal de beleza: este parecia não mais relacionado simplesmente a uma noção de jovialidade, mas como um bem a ser perseguido. Entre todas, um objetivo comum: transformar o corpo num instrumento “belo e útil”.

Tal como para Pereira (2002), inicialmente o estado civil nos pareceu um fator complicador, pois havia certo grau de heterogeneidade: solteiras, casadas, divorciadas e viúvas. Embora, a princípio, isso não tenha sido um elemento determinante para relacionar

com o consumo, mais tarde pudemos perceber que se tratava de um dado significativo no que diz respeito aos objetivos de se submeter à cirurgia plástica: algumas delas se utilizavam do consumo para a conquista afetiva, enquanto outras buscavam reafirmar-se dentro da própria casa (como em um dos casos em que a informante dizia querer provar ao marido que era “dona do próprio corpo”). Inclusive, algumas entrevistas foram feitas na própria casa das informantes, por vezes na presença do próprio marido, o qual algumas delas faziam questão que estivesse perto para ouvir o que tinham pra dizer:

“Essa é para você, viu? (referindo-se ao marido): é danado, você às vezes se arruma toda, tá com um corpinho legal depois daquela dieta. Aí chega perto do maridão e ele nem percebe. Mas se eu tivesse uma gorda relaxada, ele notava né? (risos). A primeira coisa que eu faço é sair de casa; já que em casa ninguém me nota, é bom pelo menos ver os outros olhando, já que olhar não tira pedaço, né?” (R., 34 anos).

Tais elementos serviram como ponto de partida para analisarmos, mais adiante, o campo discursivo que caracteriza nosso campo de investigação: as experiências retiradas da fala de nossas informantes apontam para uma simultaneidade: ora elas aparecem como agentes, ora como objetos na realidade social que investigamos.

Uma vez que todas tinham igual acesso ao espaço das clínicas, ao menos quanto à faixa etária, restava-nos investigar outros aspectos que apontassem para o seu perfil e para os significados de sua presença naquele espaço de consumo.

Optamos por entrevistas semi-estruturadas, por meio das quais as informantes relataram suas vivências no que concerne às motivações e transformações corporais proporcionadas pelo consumo das técnicas cosméticas. Tal escolha para formalizar o início da coleta de dados se fez inspirada pela análise de Triviños (1987: 146):

“Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se

recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar da elaboração do conteúdo da pesquisa”.

Buscamos, portanto, no decorrer dos diálogos, aprofundar os elementos que mais interessavam ao nosso objeto de estudo. As entrevistas foram gravadas em fita cassete e depois transcritas para análise.

A grande maioria das entrevistadas possuía ou estava cursando nível superior.

Dentre as que possuem renda (a maioria também), esta variou de 2 a 8 salários mínimos.

A princípio pareceu-nos constrangedor abordá-las para tratar de questões tão tocantes no que diz respeito a sua intimidade, bem como a própria história de vida, o que necessitava de referência a experiências afetivas diversas, algo que nem sempre é discorrido com facilidade num trabalho de campo. A sensação de que vez ou outra estávamos “forçando-as” a recordar situações desagradáveis em sua trajetória de vida era embaraçoso. Mas, talvez por esse mesmo motivo, a inserção nesse universo particular tenha se dado de maneira positiva, uma vez que elas adquiriam confiança e nossa relação se estreitava com o desenrolar das conversas.

Por vezes o receio de parecerem fúteis, por se tratar de um consumo para fins estéticos, levava algumas mulheres a se policiarem ao discorrer sobre as motivações e intuítos de suas práticas estéticas, o que consistia num desafio para aprofundar as informações que aos poucos recebíamos delas. Por isso tivemos que voltar a campo algumas vezes mais, na tentativa de enriquecer nosso material.

Ao final das entrevistas, entretanto, o grau de interação entre pesquisadora com “as nativas” já propiciava uma série de entrevistas em rede, uma vez que aquelas terminavam

indicando amigas e conhecidas para auxiliar o nosso trabalho de coleta de informações, fornecendo-nos, inclusive, o endereço familiar de possíveis novas entrevistadas.

A análise dos dados se fez através da análise de conteúdo, concentrando-se, principalmente, nas falas onde as entrevistadas, conscientemente ou não, relacionavam sua experiência do consumo das técnicas de embelezamento e a estrutura social em que estão localizadas.

Além da cirurgia plástica (foco do nosso trabalho), as clínicas oferecem também serviços como indermolaser (combinação da massagem eletromecânica com o laser), crioesclerose (para o tratamento das microvarizes), fio russo⁸, massagens, peeling facial e corporal, light sheer (depilação definitiva), estimulação russa (estimulação dos músculos do corpo via aparelho), lipo light (lipoaspiração de pequeno porte), além dos citados pelas próprias clientes que além de se utilizarem da cirurgia plástica, anteriormente se utilizaram de métodos como liposonic (associação da lipoescultura ultra-sônica aos métodos convencionais de lipoaspiração), dynamic, etc. . Em suma, segundo a gerente de uma das clínicas, “os clientes procuram tratamentos de emagrecimento, gordura localizada, celulite, rejuvenescimento facial, flacidez, lipoaspiração, cirurgia plástica, limpeza de pele.. toda essa área de estética.. Hidroginástica , personal trainer, spa.”.

A maior parte das informantes cuja experiência veio atender os interesses de nosso estudo fazia uso do método da lipoaspiração e do implante de silicone nos seios, não só para o aumento do tamanho destes, como também para obter “seios mais firmes” (além disso, uma delas revelou ter feito o processo inverso, ou seja, diminuição do tamanho). Algumas outras que também constituíram o foco de nossa atenção se utilizaram do que elas

⁸ Um fio de polipropileno , parecido com o que é utilizado em cirurgias, e que assemelha-se a garras, é colocado no tecido flácido e consegue manter um grau de sustentação.

próprias denominavam “aumento do tamanho do bumbum”. Baseados em alguns dados de uma pesquisa anterior⁹ e no argumento de Ribeiro (2003) segundo o qual, conjugada à idéia de corpo perfeito estaria a idéia de feminilidade e masculinidade, “que se manifestam nos tipos de plástica realizadas, locais do corpo a ser ‘melhorado’ e, finalmente, na ‘definição’ do corpo”, ressaltamos que nosso trabalho de pesquisa concentrou-se no consumo de cirurgias plásticas realizadas nas partes do corpo tradicionalmente vistas em nossa cultura como marcantes dos estereótipos estéticos de feminilidade: seios e nádegas (Edmonds, 2002).

Ao tentarmos uma explanação geral acerca do perfil da clientela, conversamos com a gerente de um dos centros de beleza, que a identificou como sendo uma clientela “com pessoas de toda idade... menina, senhoras. Mas o perfil é alguém que sempre ‘tá’ insatisfeito com o corpo, alguém que sempre quer melhorar a aparência, alguém que quer sempre melhorar, ficar mais bonita”. Além disso, a mesma revelou ter feito alguns tratamentos na própria clínica:

“Já fiz de um tudo... quem trabalha aqui tem que fazer. Já fui mais gorda do que sou hoje, já fiz tratamento pra emagrecer, e pra flacidez. Já experimentei e vi que dá resultado. A gente tem que ser cobaia às vezes né.. tem que fazer pra ver se dá resultado mesmo”.

O valor do tratamento era, em suma, variável de acordo com o “perfil” do cliente, ao mesmo tempo em que isso faz parte de um ritual preparatório no qual o corpo irá receber todo um arsenal técnico cujos efeitos advêm de uma manipulação tecnológica orientada pelos padrões de beleza em voga. Um corpo “burocratizado”, racionalizado na mais pura

⁹ Trabalho de pesquisa para conclusão do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco, intitulado “Em um corpo perfeito todo mundo repara: Estratégias e submissões do corpo feminino na cultura de consumo” (Março de 2003).

concepção weberiana, constantemente sob análise para que se pudesse perceber quais interferências tecno-rationais lhe seriam mais adequadas:

“Depende de cada cliente. Temos pacotes. Depende do que ela vai fazer, do que ela tá precisando. Então a gente tem plástica, a gente tem tratamento só pra emagrecer, tem tratamento só pra celulite.. depende né.. A gente tem lipoaspiração que ‘tá’ até hoje na promoção, já incluindo a taxa de anestesia e a sala.. A gente tem a in-dermo a laser. Somos pioneiros aqui em Pernambuco nesse tratamento..um pacote com vinte sessões.. a gente tira uma foto antes e uma foto depois da cliente fazer o tratamento, e ela vê o resultado que é surpreendente. Como também a gente tem tratamento de cem reais! A gente tem vários, depende da pessoa. Pra cada pessoa a gente tem um tratamento adequado, uma faixa de preço. A gente divide, até em doze vezes. A gente facilita bem. A gente tem uma clientela muito boa, porque a gente trabalha pra cada uma de um tipo” .

Pudemos perceber que o “perfil” das clientes envolvia não somente suas possibilidades econômicas, que determinariam que gama de serviços elas poderiam consumir, mas também dizia respeito a uma série de atributos que determinariam os arranjos estéticos sugeridos pelos profissionais das clínicas:

“Eu tava a fim de mudar mesmo... mas mudar de acordo com minhas possibilidades né... Mesmo que a gente hoje em dia tenha oportunidade de se cuidar e parecer mais jovem, também temos que ter nossos limites pra não parecer ridículas. Então eu vim aqui na clínica e fiz a avaliação. Pedi a sugestão do pessoal daqui. Já uma conhecida minha fez a avaliação mas mesmo assim quis fazer um monte de coisas que não combinavam com ela. Eu acho que a gente tem que saber até onde pode ir” (L., 50 anos).

Do mesmo modo, uma das clínicas sugere em suas páginas da internet:

“Cabe ao cirurgião orientá-las quanto às proporções que devem ser respeitadas, como altura, largura do tórax e quadris, para que não se criem distorções estéticas”.

A fala da gerente parece reforçar o apelo igualitário e democrático que acima abordamos: diante de tantas oportunidades, “só não é bonita quem não quer”. Como veremos mais adiante, isso parece ter sido bem incorporado às falas de nossas entrevistadas. Muitas aludiram ao grande leque de possibilidades oferecido pelas atuais

tecnologias de embelezamento, possibilidades estas que soam como aliadas na satisfação da necessidade dos cuidados de si. Aos poucos, essas “oportunidades de melhora” misturavam-se a um discurso que se confundia com a “obrigação de se cuidar”: reconhecendo que tais cuidados são muito mais cobrados das mulheres do que dos homens, e mais ainda, que são cobrados entre as próprias mulheres, através de jogos sociais em que a reprodução do discurso da beleza, bem além de simplesmente inserir nossas informantes em uma posição social desejável, na qual elas possam experimentar sua feminilidade, incita sua manutenção a todo custo (Bourdieu, 1983). Interessa-nos, então saber a que noção de feminilidade está atrelado o trabalho corporal realizado nas clínicas de estética. Nossa preocupação aproxima-se do interesse de Ribeiro (2003), que se constitui no processo de medicalização do corpo e sua influência na constituição da diferença de gênero através das cirurgias plásticas. É válido ressaltar que aqui nos utilizamos da noção de performance corporal de Butler, que desnaturaliza o binário “masculino x feminino” para propor que a apresentação corporal é guiada por elementos sociais que determinam o que se espera da estética do homem e da estética da mulher. Portanto, delimitamos nossa análise em termos de saber sob quais padrões culturais nossas informantes se orientam ao consumir tais técnicas de embelezamento, e que significados podem ter as vantagens que elas pretendem.

3. Recortes do Corpo

Nesse momento de nosso trabalho, lidamos com as possibilidades de um “novo corpo” enquanto constituídas e constituintes de uma realidade heterogênea e de complexas relações de gênero e de práticas sociais.

Diferentemente de outras práticas de embelezamento corporal, a cirurgia plástica foi justificada por nosso grupo de entrevistadas como uma estratégia mais rápida e prática para atingir os ideais de corporalidade nos quais estavam interessadas. Vista como um recurso último por algumas, e como uma estratégia cada vez mais familiar a outras, a cirurgia cosmética foi o mais invasivo dos procedimentos estéticos a que já se submeteram nossas interlocutoras, além de ter sido o que mais exigiu uma preocupação com o metabolismo corporal, seja no pré ou pós-operatório.

Foi bastante recorrente a alusão ao medo dos efeitos da anestesia conforme salientou M., 33 anos:

“Eu me lembro que lá por 1995 ou 96, eu acho, teve um caso de uma atriz de novelas, acho que a Cláudia Liz, que quase morreu por causa de problemas com a anestesia durante uma lipo. Eu me lembro que na época a lipo não era nem tão comum assim; quer dizer, até era entre as famosas né.. mas pros simples mortais como eu, ainda era novidade. Eu realmente fiquei muito impressionada com o caso.. Aliás, o Brasil inteiro. Desde então eu fiquei morrendo de medo de precisar fazer qualquer coisa em mim que necessitasse de anestesia. Mas aos poucos eu fui criando a consciência que a gente deve buscar informações com profissionais gabaritados mesmo. Antes de fazer qualquer procedimento, eu sempre procuro informações. Pode ser até mesmo no site da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica.. de lá eu consigo nomes de profissionais cadastrados, procuro informações mais seguras. Mas eu realmente tinha muito medo”.

Do mesmo modo, encontramos esse receio em meio aos diálogos estabelecidos em fóruns do orkut, site de relacionamentos da internet com grande repercussão nos últimos tempos. Observamos, então, as discussões entre as participantes de comunidades sobre cirurgia plástica:

“Para quem tomou anestesia geral: Como voltou dela?? Gostaria de saber de quem fez cirurgia demorada como foi a volta da anestesia geral; passou mal? Foi tranqüilo? *Teve medo de morrer*¹⁰? Muitas pessoas têm medo até do nome!¹¹”

Grande parte das respostas a esse questionamento se deu no sentido de “relevar” os possíveis incômodos da anestesia em prol de sua necessidade para se alcançar a manutenção e/ou melhoria corporal. Dentre o próprio grupo de usuárias eram comuns algumas inquietações quanto ao destino do seu corpo antes de decidirem, de fato, entregar-se à sala de cirurgia. E., 45 anos, expressiu muito bem nossa impressão quanto a isso:

“É normal ter esses medos mesmo né.. Eu mesma já fiz um monte de plásticas.. claro que não vou dizer que ficou banalizado pra mim, mas hoje em dia sei que não é um bicho de sete cabeças fazer uma plástica. Acho que o medo é normal pra iniciantes mesmo (risos)”.

Perigos são conhecidos, mas ainda assim o medo é superado. Essa lógica é algo que pode se desenvolver a partir de considerações como a da médica Ana Helena Patrus:

“A hora certa é quando o incômodo com o corpo for muito maior que o medo da cirurgia”.¹²

O processo de conflitos até a real decisão de submeter o corpo aos bisturis realmente pareceu-nos um rito de passagem que se inicia com a confiança aos saberes médicos. Como sugeriu o Dr. Denis Valente¹³, cirurgião plástico gaúcho que participa do já referido fórum do orkut: “Escolha um profissional que tenha bastante familiaridade com a técnica para evitar surpresas desagradáveis”.

Daí em diante, as mulheres passavam literalmente a se entregar às mãos dos cirurgiões. No entanto, pouco se falou do dilaceramento do corpo: ao contrário, essa fase da cirurgia plástica pareceu-nos um tanto obscurecida nas falas das informantes; sua

¹⁰ Grifo da própria participante do fórum.

¹¹ Disponível em <http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=161871&tid=2465720570523133234>

¹² Revista *Viva*, n. 196, de 27 de julho de 2005.

¹³ Site do médico: www.denisvalente.com.br

preocupação remetia-se muito mais aos efeitos esperados, bem como às conseqüências dos resultados obtidos.

Superados os temores iniciais, eis que ali, sobre a mesa da cirurgia, o corpo entregasse, resignado, como o corpo de Cristo, com o desejo de transcendência da dor, sacrificado em prol da redenção, dessa vez não mais coletiva, mas em função de uma redenção pessoal, muito embora não estivesse desvinculada de orientações externas: Ali está o corpo quieto, suportando as invasões em sua condição interna para, momentos depois, dar-se ao deleite da publicização da pele que o reveste. Repousa o corpo silencioso e anestesiado, dado a autoridade científica, esta por sua vez sustentada por suas constantes inovações, tentando a todo custo demonstrar a atualidade da relação entre o conhecimento e a experiência da condição humana (no caso, a aliança entre produção do saber e a vivência da feminilidade). Sacrifício corporal não agonizante, e não assistido pela própria mulher que se doa, o retalhamento aqui se faz sobre um corpo semi-morto, imóvel, impotente, petrificado e distante, portanto, do dilaceramento convulsivo e retorcido dos sacrifícios de *Les larmes d'Eros* de Bataille (Moraes, 2002). No entanto, não deixa de haver uma “confirmação da vida na própria morte”: a inércia desse corpo, e sua concomitante dissecação, embutem o desejos de recriação e renovação de quem o possui, e serve para fazer dele um ágil instrumento de intervenção nos espaços exteriores a sala de cirurgia:

“O corpo em repouso finge-se inanimado, simula a morte, tornando-se escultura; assinala, ao mesmo tempo, que a vida retornará” (Jeudy, 2002: 60).

Moraes (2002) nos fala de um período marcado pelo antropomorfismo de fins do século XVIII, expresso na popularização da imagem das “disciplinares” gravuras de decapitados traidores do corpo político dominante, nos “belos rostos expostos nas telas dos

museus”, nos álbuns da família burguesa, enfim, em todos os artifícios para reafirmar as imagens ideais do homem:

“Uma verdadeira obsessão em ‘fixar’ a face do homem invadiu a sensibilidade européia a partir das duas últimas décadas do século XVIII. Tratava-se, então, como sintetizou Bataille, ‘de um obstinado esforço no sentido de reencontrar a figura humana’” (Moraes, 2002: 18).

No decorrer desse período, entretanto, algumas expressões artísticas lançaram-se à missão de romper com tais padrões humanistas, subvertendo os arquétipos de definição e imobilidade em torno da figura do homem com uma proposta de alterar as concepções essencialistas até então em voga:

“Às imagens ideais do homem veio contrapor-se um imaginário do dilaceramento, marcado pela obstinada intenção de alterar a forma humana a fim de lançá-la aos limites de sua desfiguração” (Idem, Ibidem: 19).

A partir de então, a autora pretende um histórico desse imaginário do corpo desfigurado sob a ótica de artistas subversores dos princípios do antropofornismo, de Lautréamont aos surrealistas, passando por Bataille.

É interessante notar como as recentes práticas de cirurgia estética enquadram-se nos dois opostos discutidos por Moraes: se, de um lado, a prática estética necessita da real dissecação do corpo, sua manipulação e uma relação com elementos do corpo humano mais comumente rechaçados pelos ideais de exibição, ao mesmo tempo tal desfiguração da corporeidade humana é momentânea, e em prol de uma aparência que confirmará os aspectos que se espera da figura humana.

Se em épocas passadas a guilhotina serviu para despertar repulsa ao exhibir a cabeça do guilhotinado, até então “tão humano quanto os demais”, mas transformado em “monstro” justamente por não ter se portado em função do “bem coletivo”, hoje lâminas e

bisturis dizem que é preciso ser um pouco monstro para então se tornar “cada vez mais aceito pelos seus iguais”.

O sentido do corpo estendido na mesa de operação parecia bem distante de querer guardar as lembranças de sua dissecação e da passagem do bisturi indo de encontro a camada *mais interna* da pele, bem como sangue e secreções, que, vistos pelos olhos de outrem como algo próximo da ojeriza, em nada interessava aos propósitos de ostentação pública. Pouco importava o destino da gordura retirada do corpo. Se há uma tendência em se dizer “*o corpo é meu*”, o mesmo não parece acontecer com seus excessos: a gordura, enquanto resto, é órfã e desprezada; uma parte do corpo prestes a se perder pelo “a fora”. Se, para Bakhtin, a representação do corpo medievo valoriza as aberturas, os orifícios, as nádegas e excrescências, ultrapassando as fronteiras entre o corpo e o mundo, Sant’Anna (2005) sugere que, nos atuais tempos de superexposição dos corpos, seu interior parece estar a salvo da luz devastadora da invasão midiática e publicitária:

“Nada nele pode ser considerado belo. Nem feio. Um órgão, uma célula, uma veia, não sugerem civilidade, não parecem pertencer ao reino da cultura. A aversão ao interior do corpo é antiga. Mas no decorrer das últimas décadas ela foi acrescida de novas intolerâncias. Até bem recentemente, o interior de diversos corpos não provocava muitas náuseas. Basta lembrar o parto, geralmente feito em casa, com a presença de várias pessoas; (...) Para a menstruação, era recomendado o uso de toalhinhas que não eram descartáveis” (Sant’Anna, 2005: 67).

A autora percebe a força dessa repulsão ao contato com o interior do corpo especialmente na banalização de equipamentos de higiene, bem como da tecnologia médica “que sucedeu à radiografia, contribuindo para transformar o corpo num texto cuja leitura é infinita” (Idem, *Ibidem*:67). O que dizer então do caráter dessa repugnância no ano 632 depois de Ford descrito por Huxley (2001: 177), em que “a simples alusão a doenças ou a

ferimentos era (...) não somente uma coisa apavorante, como, sobretudo, um tanto desagradável e até repulsiva”?

De fato, o momento dos “recortes” tratou-se de uma fase quase que inexistente nas falas em prol do que mais interessava: o corpo final, pelo menos para aquele período que elas estavam vivenciando, já que a possibilidade de continuar modelando-o não estava distante. Estabelecemos algum diálogo sobre o momento em que as mulheres finalmente despertavam da sua cirurgia e tivemos a curiosidade de saber qual a impressão que tiveram ao verem pela primeira vez o seu “novo eu”:

“Eu acordei meio tonta. Mas é uma sensação maravilhosa.. apesar de eu ter me visto um pouco inchada, foi muito bom ver que tudo estava correndo bem. De repente eu me vi um pouco estranha no espelho... eu que era bem gordinha... mas foi uma sensação muito, muito boa. Tanto que eu quero fazer plásticas né.. Valeu a pena então rasgar o corpo um pouquinho”(A., 22 anos).

O “ser um pouco monstro” requer paciência: sugere a submissão do corpo a uma sala cirúrgica; sugere fechar os olhos para não ver nem vísceras nem sangue expostos na cirurgia, bem como um trancafiar-se num espaço qualquer longe do social até que o corpo possa retomar suas atividades corriqueiras, mas também até que se *cicatrise*, até que *desinche*, até que não haja nenhum indício de deformidade que cause estranheza aos pares sociais:

“Eu já fiz uma rinoplastia e uma lipo na barriga. Eu sei como é chata a recuperação.. tem que ter paciência mesmo... meu rosto ficou inchado por causa da rino; horrível.. fora uma outra série de cuidados que você tem que ter... mas vale muito a pena.. é só ter paciência” (M., 45 anos).

Do mesmo modo, a preocupação com uma possível cicatriz foi recorrente, tanto nos fóruns de troca de informações sobre cirurgias, quanto nos sites das clínicas de estética e afins, em que profissionais davam dicas sobre o assunto. Algumas informantes também

falavam do medo da cicatriz como empecilho que retardou a realização de suas cirurgias estéticas. Assim, tenta-se evitar, ou pelo menos esconder a cicatriz, ela que vem a ser “um sinal indelével de uma degradação física”, como sugere Jeudy:

“A cicatriz é uma marca súbita, uma marca do destino que parece anular o idealismo da beleza baseado na integridade do corpo, representada pela superfície lisa da pele” (Jeudy, 2004: 85).

O autor prossegue:

“Uma mulher acaba de sofrer uma operação como consequência de um câncer no seio; ela não suporta a visão desse machucado, que dilacera sua pele. Encara uma intervenção cirúrgica para atenuar a marca que obseda. Entrementes, tomada por uma terrível angústia de morte, ela se põe a comer mais e mais, tornando-se obesa. A cicatriz se encontra, então, envolvida pela carne e quase se assemelha a um *canyon*. Essa mulher apresenta-se a um cirurgião, um renomado professor. Despe-se e senta-se nua sobre uma cadeira. Alguns residentes se apressam em torno dela enquanto o eminente cirurgião, com o testemunho de seu assistente, explica em tom moralizador que qualquer intervenção só será possível no dia em que essa mulher decidir emagrecer, ficar sem comer e sem fumar. Se ela quer voltar a ser bela, apesar do câncer, que torna particularmente precária a duração potencial da sua vida, deve fazer o esforço de combater sua angústia de morte por uma necessária privação. Se ela não o quer, cabe-lhe aceitar seu estado presente e se acostumar com a imagem de sua monstruosidade. Um tal cinismo revela o quanto o critério moral da beleza se apóia na dívida: se você quer voltar a ser bela, será preciso pagar muito caro, pois sua doença lhe condena à decadência e à morte. Quando a cicatriz permanece como o sinal tangível da culpabilidade nascida da degradação do corpo, sua possível estetização depende unicamente do poder do Outro. O indivíduo machucado não chegará jamais sozinho a transformar a marca de sua dilaceração em sinal de beleza” (Idem, *Ibidem*, p. 86).

De fato, tivemos a oportunidade de conversar com duas mulheres que se submeteriam ao implante de silicone para preencher, segundo elas, o “vazio” deixado pela amputação dos seios devido ao câncer. Seu drama se fez ainda mais pulsante quando elas reconstituíram o momento em que o problema abalou tanto a sua experiência da “condição de mulher”, como também a sua vida afetiva, as quais, no fim das contas, estavam entrelaçadas. O trauma causado pela aversão ao próprio corpo parecia oriundo

principalmente pela “falta”, diferentemente da maioria dos casos, onde o incômodo se devia ao “excesso” da carne. Lidar com o próprio corpo era uma tarefa penosa para elas:

“Antes mesmo de tirar um dos seios, eu já estava desesperada. Ficava faltando um pedaço de mim. Cheguei ao ponto de pedir pro meu marido me deixar, porque se eu mesma não me aceitava, se eu mesma iria me achar horrorosa, porque eu iria exigir que ele ficasse comigo, com tantas mulheres bonitas por aí? Foi um momento terrível na minha vida. Mas meu marido não me abandonou. Mandou eu parar com essas bobagens, e disse que o mais importante era a minha vida, e que ficaria comigo pro que der e vier”(V., 49 anos).

Já nossa segunda informante teve uma experiência mais complicada com o companheiro:

“Quando o médico falou que eu teria que amputar um seio, meu marido mudou logo comigo. Foi o que bastou pra ele me deixar. Além de toda dor, ainda agüentei isso. Eu me sentia oca mesmo. Ele não disse porque estava me deixando, simplesmente foi embora, mas eu tenho certeza que foi por isso. Não era porque ele não agüentava me ver sofrer nem nada disso. É porque ele não queria ficar com uma mulher que tivesse faltando uma parte; acho que foi isso. Eu mesma já conhecia casos como esse. Umas conhecidas minhas. Não foi novidade pra mim, mas segurei o barco sozinha e até hoje estou superando”¹⁴.

O olhar-se no espelho e enxergar o monstruoso parece aproximar-se de concepções presentes em várias fontes da Antiguidade, como Plínio, Aristóteles ou Lucrécio, “que supõem o monstro como aquele que é privado ou desprovido de alguma capacidade ou órgão que se torna indispensável na própria qualificação do humano” (Moraes, 2002: 114). No caso dessa informante, o ser monstro é substituído pelo “não ser mulher”, condição atribuída à ausência de seio numa cultura em que este é significativamente um atributo de feminilidade. A materialidade do corpo, bem como sua identidade, atrelam-se a um rigoroso processo sexualmente condicionado.

¹⁴ Esse diálogo foi travado num estudo informal, com uma paciente do Hospital do Câncer de Pernambuco que já havia se curado da doença, mas estava fazendo exames de rotina.

Ponderando aqui as idéias de Donna Haraway (2002) em seu mito político *Ciborgue*, em que vislumbra uma sociedade pós-gênero que se viabiliza através das novas tecnologias, percebemos que o anseio da autora se distancia dos casos que acabamos de descrever, os quais de fato envolvem a tecnologia num uso libertador, no sentido de “devolverem” a auto-estima e o encorajamento para retornar ao melhor convívio consigo mesma e com os demais. Entretanto, esse sentido emancipatório se faz mediante a necessidade dessas mulheres de se enquadrarem em categorias corporificadas, as quais Haraway acreditava que seriam desmanchadas pelas novas técnicas. Uma sociedade igualitária e sem dominação parece estar ainda distante da realidade que observamos. A desestruturação causada na vida afetiva de tais mulheres (em todos os casos de amputação ressaltaram os prejuízos do acontecimento na vida afetivo-sexual) demonstra que a construção do gênero e sua íntima relação com a corporeidade pode muitas vezes ser reforçada pelo uso das tecnologias, como as cosméticas, por exemplo. Portanto, formas de feminilidade continuam sendo criadas e recriadas, não desestruturando as fronteiras de gênero. Assim sendo, o implante de silicone viria a reforçar os arranjos em que as consumidoras se enxergariam, novamente, “femininas” e prontas para retomar as práticas que isso sugere. Ainda assim, disse-nos uma das informantes:

“Mesmo depois de ver meu peito com o silicone, eu nunca vou esquecer daquela imagem dele vazio. A sensação é essa mesmo.. de vazio... de que tá faltando alguma coisa. Até hoje eu me pego sentindo isso de vez em quando”.

Falta e excesso misturam-se, e o corpo necessita de alteridades para se classificar como belo:

“O excesso da mulher obesa, colocado em contato com o crânio mineral (caveira), leva tanto à redução da primeira imagem à segunda – lembrando uma dissecação – quanto ao contrário: a carne também envelopa a caveira, evocando a ‘encarnação do caos’ tal qual uma máscara. (...) Uma figura implica a outra e,

reunidas, elas se afirmam e se negam incessantemente numa ‘dialética das formas’ na qual a decomposição da figura humana se desdobra sempre nos dois sentidos antitéticos. (Faz-se assim) o confronto violento da figura humana com suas alteridades, estejam elas além ou aquém dos modelos ideais, sejam definidas pelo excesso ou pela falta, sejam extáticas ou bestiais” (Moraes, 2002: 173).

Já entre o grupo das “siliconadas”, o distanciamento de uma visão monstruosa dava-se através do “bom senso na hora de decidir quanto colocar” (A, 22 anos). O “exagero” e o “descontrole” foram vistos como negativos no processo de consumo de tais próteses. As informantes se utilizavam de termos como “vulgaridade” para falar do excesso de silicone, embora algumas tenham cogitado a possibilidade de colocarem alguns “mililitros” a mais numa oportunidade futura. Mas, de fato, as ressalvas eram constantes:

“Eu já coloquei, e, sinceramente, já pensei em colocar mais um pouquinho. Mas acho que é vulgar. Tem que se ligar mesmo, vê a *proporção* do corpo” (B, 27 anos).

Talvez por esses motivos o trabalho da artista plástica francesa Orlan seja tão polêmico, aproximando-se do ideal de “aberração” e desproporção. Sua estética do dilaceramento escancara vários elementos omitidos pelas informantes quanto à submissão de seu corpo aos bisturis. Em Orlan, “a intenção deixa de ser a afirmação do belo para ser a provocação da carne, o virar do avesso o corpo, a imposição do nojo ou do horror” (Le Breton, 1999: 45). Se utilizando das técnicas cirúrgicas em seu corpo e retomando o projeto de contrariar uma possível essência da figura humana, através de sua performance intitulada “Reencarnação de Santa Orlan¹⁵”, a *performer* veio a fazer do seu corpo uma obra de arte através das inúmeras cirurgias plásticas a que se submete no intuito de

¹⁵ Performance composta por uma série de nove intervenções cirúrgicas a que Orlan se submeteu a partir de 1990. Para dar uma noção do caráter subversivo de suas práticas corporais, podemos citar as duas próteses de silicone que a artista colocou em cada lado da frente.

desfigurar e recriar o corpo a seu bel prazer, utilizando inspirações que se desvinculam do padrão de beleza feminino vigente, e dos limites corporais que rondam o imaginário popular, seguindo a risca o “tudo o que se autodenomina santo precisa ser profanado”, de Nietzsche (2003: 61). Nas palavras da própria artista:

“Meu trabalho combate o inato, o inexorável, a natureza, o DNA (que é nosso rival direto como artista da representação) e Deus! Meu trabalho é blasfemo” (Orlan, 1996: 92).

A artista se submeteu a uma série de cirurgias plásticas no intuito de adquirir uma estética em que apareçam mixadas com características faciais derivadas de cinco famosas imagens de mulheres ligadas à história da arte: a testa da *Mona Lisa* de Vinci; o nariz da escultura da *Diana* da escola de Fontainebleau; a boca da *Europa* de Boucher; o queixo da *Venus* de Botticelli e os olhos de *Psyche* de Gérôme. Estas representações foram escolhidas não por seus atributos físicos, mas por sua importância mitológica ou histórica. Assim, *Diana* foi escolhida por ter sido uma deusa que se recusou a obedecer aos deuses e homens; *Europa* porque avistou outro continente e abraçou um futuro desconhecido; a *Mona Lisa* por causa de sua androginia; *Vênus* por causa de sua associação à fertilidade e criatividade; e *Psyche* por causa de seu desejo de amor e beleza espiritual (Negrin, 2000: 31).

Durante as performances cirúrgicas, Orlan, o cirurgião e os enfermeiros usam roupas de alta costura numa sala de cirurgia repleta de crucifixos, flores e frutas de plástico misturados a cartazes dos patrocinadores do trabalho. Orlan transmite, ao vivo, para milhares de espectadores em todo o mundo, sua transformação, a qual ela dirige utilizando-se da lucidez produzida pela anestesia local¹⁶. Completando sua penúltima operação dessa

¹⁶ http://www.pernambuco.com/diario/2003/04/09/viver2_0.html

performance, em 1994, Orlan proclama: “Isto é meu corpo, isto é meu software”, numa alusão ao fato de que ela pôde manipulá-lo indo contra o discurso do corpo como “essência”. (Orlan, 1996).

Enquanto esses cinco trabalhos têm sido tradicionalmente considerados ícones de beleza feminina, Orlan procurou transformar seus significados originais através de uma reapropriação. E, se a maioria das cirurgias cosméticas é mediada por padrões de beleza, ela busca enfatizar em sua nova face a idiossincrasia. De tal modo, o que a *performer* faz para transfigurar seu corpo em objeto de arte deve renegar as significações cirúrgicas e se opor ao funcionalismo biológico que associa esse gênero de operação a experiências futurista (Jeudy, 2002:120).

“Orlan não teme modificar seu rosto, isto é, o próprio local da singularidade pessoal, o lugar mais sagrado do corpo segundo as citações estéticas que deseja valorizar. (...) Desse modo, ela quis colocar implantes subcutâneos na região da testa que lhe dessem uma impressão de eflorescência por chifres demoníacos potenciais, chifres de um bode cuja etimologia lembra o tempo todo o parentesco com a tragédia (Le Breton, 1999: 49).

Sua tela de arte parece dizer constantemente que aquilo que acreditamos ser nossa porção característica, ou seja, aqueles traços de certa forma harmoniosos que nos definem como seres humanos, podem a qualquer momento ser rompidos. Contrariamente a essa rebeldia estética, as pacientes das clínicas se orientavam por alguns limites em suas práticas corporais de embelezamento, refletidos na tentativa de melhor vivenciar seu cotidiano através de um corpo socialmente aceito.

A reação das pessoas ao seu trabalho pode nos levar a refletir acerca da construção cultural do corpo na qual estamos inseridos. A cirurgia cosmética para fins de embelezamento mostra-se plausível, uma vez que respeita limites cultivados culturalmente,

e pode se encarada como prática positiva, para o bem-estar de quem a utiliza. O uso que se faz da técnica numa cirurgia plástica, ao simplesmente “melhorar” o corpo, mas respeitando certos limites, termina por ser aceitável. A homeostase é o desejável. Nesse caso, o discurso do corpo “tradicional” é o da segurança, que reflete ordem, harmonia e controle, enquanto as práticas corporais de Orlan soam como monstruosas e ameaçadoras das fronteiras do humano; em suma, “Orlan é entropia”. Essa visão aproxima-se de elementos categorizados por nossas informantes através de termos como “esquisito”, “estranho”, “bizarro”. Orlan, enfim, é o martírio do corpo sem a sua redenção. Não é o corpo de Cristo martirizado, porém rendido, ao final, em prol de todos os seres humanos.

“Eu acho que a plástica tá aí pra ajudar a gente a melhorar.. mas tem gente que é sem noção né.. tem gente que usa e abusa, coloca botox de tudo que é jeito, silicone em tudo que é canto, costura tudo que é pele.. aí termina ficando muito estranho, com a cara toda espichada, sem conseguir nem rir..eu graças a deus conheço meus limites” (A., 22 anos).

Tudo isso nos mostra a importância de se pensar nas práticas corporais não por si só, mas nos seus limites enquanto uma construção cultural, na qual, ao mesmo tempo em que se pretende lutar contra a rigidez do corpo, no intuito de que ele “continue disponível a qualquer simulação possível” (Serres, 2004 :57); toma-se cuidado para que isso seja um processo sempre reversível, por assim dizer, e não uma desastrosa intervenção cujos efeitos não possam ser reparados. Evita-se o *radicalismo* das metamorfoses corporais, repetindo um antigo medo de que o corpo deixe de ser “cognoscível, legível, eloqüente sobre si mesmo, humanizado” (Sant’Anna, 2005: 65).

Pertinente a essa discussão sobre a noção de “equilíbrio” para a intervenção corporal, não deixou de ser interessante o diálogo estabelecido com mulheres que se submeteram à rinoplastia (embora, conforme já ressaltamos, tal prática estética não seja o

foco de nosso trabalho). Cedamos espaço, portanto, para destrincharmos alguns elementos que nos despertaram interesse, principalmente aqueles que lidam com atributos de feminilidade, como a noção de “suavidade”: o “excesso” do nariz, por exemplo, apareceu como motivo perturbador da suavidade e delicadeza que elas acreditavam ser o que se espera do rosto feminino. Dentre as que se submeteram a tal prática, a satisfação pareceu estar mais presente. A saciedade pareceu dar-se principalmente por terem atingido a esperada “delicadeza” e equilíbrio dos traços do rosto, até porque elas deixaram claro que não pretendiam se distanciar muito de suas características faciais naturais, sendo esse um grande cuidado que tomaram:

“Fiz rinoplastia tem 30 dias...já dá pra ver que ficou muito melhor...o nariz tá empinadinho, harmoniosíssimo com meu rosto, todo mundo amou! e eu também, claro” (M., 20 anos).

Daí o fato de algumas comentarem sobre sua aversão às práticas de Michael Jackson, por exemplo. No caso de nossas interventoras, a identidade parecia estar intimamente relacionada ao respeito dos limites de traços da face, representante estética de seu self, por excelência. Ao contrário, o discurso das usuárias de lipoaspiração freqüentemente frisava a necessidade de manipulação constante sobre outras partes do corpo.

Quanto à face, entretanto, era preferível falar de “leves retoques”. Nesse caso, a retórica sugeria cuidado ao mexer no rosto”.

O apego à organicidade e à originalidade da natureza humana parece embaraçar a diferenciação sugerida por Hermínio Martins (apud Sibilía, 2002: 42), estabelecida para analisar as bases da tecnociência moderna e contemporânea. A argumentação do autor se vale de duas figuras míticas da cultura ocidental, Prometeu e Fausto:

“(...) Prometeu, o titã que forneceu aos homens o fogo – e, através dele, a tecnologia – obtendo o mais severo castigo dos deuses. Tal mito denuncia a

arrogância da humanidade, em sua tentativa de usurpar as prerrogativas divinas por meio de artimanhas e saberes terrenos. E (...) Fausto, cuja história foi contada em diferentes versões. Em todas elas, porém, de acordo com a análise de Marshall Berman, a ‘tragédia ou a comédia se produz quando Fausto *perde o controle* das energias de sua mente, que passam a adquirir vida própria, dinâmica e altamente explosiva’. Animado por uma vontade de crescimento infinito, pelo desejo de superar as suas próprias possibilidades, Fausto compactua com o Diabo e assume o risco de desatar, com isso, as potências infernais” (Sibilia, 2002: 43).

Martins conclui que é na segunda dessas duas tendências que se inscreve a filosofia da tecnociência contemporânea cujas características “fáusticas” podem ser percebidas nos “diversos projetos, pesquisas e descobertas que brotam da profílica agenda tecnocientífica de nossos dias” (Idem, *Ibidem*, p. 13), vindo a romper os limites da tradição prometeica, mais próxima do projeto científico iluminista, o qual tinha uma visão meramente instrumental da técnica. Este tipo de saber, segundo Sibilia, almejava melhorar as condições de vida dos homens através da tecnologia:

“(…) A tradição prometeica pretende dominar tecnicamente a natureza, (...) visando o ‘bem humano’, a emancipação da espécie e, fundamentalmente, das ‘classes oprimidas’. No entanto, para esta linha de pensamento tais processos têm uma duração *indefinida*: mergulham longamente no futuro, mas não são pensados como *infinitos*. (...) Os prometeístas consideram que há limites com relação ao que pode ser conhecido, feito e criado” (Idem, *Ibidem*, p. 45).

Assim, vê na atual sociedade tecnológica o declínio do antigo prometeísmo, cedendo espaço à tradição fáustica:

“A tradição fáustica esforça-se por desmascarar os argumentos prometeicos, revelando o caráter essencialmente tecnológico do conhecimento científico: haveria uma dependência, tanto conceitual quanto ontológica, da ciência com relação à técnica. (...) De acordo com a perspectiva fáustica, então, os procedimentos científicos não visariam à verdade ou ao conhecimento da natureza íntima das coisas, mas somente à compreensão dos fenômenos para exercer a previsão e o controle”.

(Idem, Ibidem, p. 48).

Por fim, Sibilia abraça o argumento de Martins, julgando ser inevitável associar os parâmetros fáusticos, com seu impulso para a apropriação ilimitada da natureza (humana e não humana, ressalta) à tecnociência contemporânea:

“Com suas novíssimas ‘criações ônticas’, a tecnociência contemporânea tem condições de redefinir todas as fronteiras de todas as leis, tendo a antiga prioridade do orgânico sobre o tecnológico. (...)A sociedade atual assiste, portanto, ao surgimento de um tipo de saber radicalmente novo, com um anseio inédito de totalidade: Fáustico, ele pretende exercer um controle total sobre a vida, superando as suas limitações biológicas; inclusive, a mais fatal de todas elas: a mortalidade”(Idem, Ibidem, p. 49).

Quanto a isso, há considerações a serem feitas sobre o que observamos em campo. Embora as cirurgias cosméticas por nós investigadas inscreva-se claramente no eixo filosófico que caracteriza o arsenal tecnológico atual, com seu ideal de superação de desafios impostos pela natureza, que há muito se constitui fascinante para a humanidade, não passaram despercebidos alguns vestígios da tradição prometéica que Hermínio acredita quase que totalmente dissolvida. De fato, as técnicas de embelezamento que nos interessaram não correspondiam ao interesse de um procedimento científico que visa à verdade ou ao conhecimento da natureza íntima das coisas. Longe disso, o próprio corpo de cada uma das entrevistadas reificava-se no sentido de se prontificar para servir a elas próprias através da manipulação tecnológica, que obviamente só é possível graças ao aparato de que o homem dispõe. Tal projeto, certamente, não pretendia ser um feito para a humanidade. Não se tratava da busca de um bem comum, mas de uma realização que satisfazia principalmente a elas próprias, muito embora sua satisfação estivesse atrelada à sinalização de valores coletivos.

Ao oferecer o próprio corpo como matéria-prima a ser moldada, entretanto, as pacientes das clínicas pareciam não deixar de lado limites éticos condicionados principalmente por seu imaginário acerca da natureza humana e da artificialidade. A grande maioria pareceu atenta em não transcender as características estéticas que julgavam mais determinantes de sua condição humana. O medo de ficar feia ou de parecer estranha devido ao “abuso” da técnica soava como impasse no ato de servirem-se de si mesmas. Os limites impostos por sua natureza humana, portanto, refletiam resquícios da tendência prometéica segundo a qual os artefatos técnicos constituíam meras extensões das capacidades próprias ao corpo humano: “Aí a tecnociência de inspiração prometéica se detém, sem pretender ultrapassar o umbral da vida – os ‘segredos tremendos da estrutura humana’ profanados pelo Dr. Franksteins” (Idem, *Ibidem*, p. 46). Ademais, cremos que a censura ao trabalho de Orlan segue os mesmos moldes.

É interessante notar que, apesar de estarem consumindo técnicas de intervenção sobre o “corpo de origem”, grande parte das informantes proclamavam a supremacia do “natural” sobre o “artificial” também quanto a seus critérios de beleza, classificando-a como algo natural em oposição ao construído (Ribeiro, 2003: 10).

Tais critérios parecem seguir os mesmos moldes de uma polêmica que veio a público há anos atrás, quando a Miss Brasil 2001 assumiu ter se submetido a 19 intervenções cirúrgicas antes do concurso e a noção de artificialidade mostrou-se elemento presente no discurso moralizador que envolve o consumo da cirurgia plástica:

“Segundo a revista *Época* de abril de 2001, Juliana Borges recebeu coroa e faixa como a mais bela mulher do país e acendeu o debate sobre os limites da remodelagem do corpo. Essa questão, que levanta outras como natural/ artificial, já circulou no início da década de [19]20, quando surgiu a figura do ‘conselheiro’, um “dissimulador” da beleza de quem a natureza não houvesse privilegiado. Isso tornou possível que os cosméticos fossem concebidos como

uma ‘dissimulação’ das imperfeições naturais. Nesse sentido, dissimular é entendido como ‘corrigir’ (Sant’Anna, 1995, p. 127), e não apresentava todo o tom de *artificialidade* presente num discurso moralizante que envolve hoje a cirurgia plástica. Na mesma matéria em que veio a tona as 19 cirurgias da miss, além dos elogios aparecem algumas críticas, como a que afirma que num concurso de beleza devem valer somente os dotes naturais. Porém, o que parece vigorar, é a tese de que se o problema é a genética, ‘o silicone resolve’”(Ribeiro, 2004: 10).

Mais uma vez, aqui, a existência de valores que orientam a modelação do corpo e polemizam a cirurgia plástica e seu dilema de se assumir uma construção da tecnociência – “uma obra de arte talhada com bisturis e modelada em silicone” – opondo-se a um autêntico “expoente da beleza natural feminina” (Sibilia, 2002: 64). Foi comum também a referência ao consumo de outros tipos de práticas corporais, tais como os serviços de academias de ginástica (musculação, aeróbica), dietas, revistas voltadas aos cuidados com o corpo, suplementos alimentares, etc. Em tal contexto também foi evocada a questão do limite de tais práticas, principalmente quanto ao exercício de musculação. Grande parte ressaltou que tomava cuidado para não ficar com o corpo “muito malhado”, por *medo* de *assemelhar-se* a um padrão masculino de corpo. Ou seja, esse medo implica possibilidades: é possível, então, que um corpo feminino adote feições masculinas. Mas percebemos que essa probabilidade não era abraçada, porque não corresponde ao padrão estético que tais mulheres desejam para si.

“Tem gente que até acha bonito, mas eu não gosto do corpo da Feiticeira. Ela parece ser *mais homem* do que muitos homens que eu conheço (risos)”(A., 22 anos).

A informante acima estabelece, então, por ela mesma, uma diferença entre o “homem” corporificado, enraizado de padrões estéticos (esses sob constante construção), e o homem enquanto categoria orgânica, da qual se espera a imagem de “homem” no primeiro sentido que ela distinguiu: o modelo de homem tal qual lhe é culturalmente

introjetado, com traços e feições mais brutas do que a esperada suavidade que se espera do corpo feminino. A Feiticeira parece ter inscrito na superfície de seu corpo uma mensagem contrária às expectativas, causando assim um ruído, que, no entanto, poderia ser revertido, caso passasse a moldar seu corpo de acordo com os parâmetros que rondam a estética corporal feminina. É assim que percebemos que “é sobre esse material bruto do ‘corpo’ que a cultura trabalha sua constituição da sexualidade” (Rose, 2001: 168). Tratam-se, portanto, de conquistas técnicas sobre o corpo:

“A corporeidade humana, como muitas vezes se sugere, pode fornecer a base para uma teoria da subjetivação, da constituição dos desejos, das sexualidades e das diferenças sexuais”.
(Idem, *Ibidem*, p. 167).

Levando-se em consideração todo nosso argumento até agora, de modo específico o que sustenta que o processo de subjetivação participante dos processos atuais de construção do corpo embutem a necessidade de se pensar nos agenciamentos e desdobramentos entre o indivíduo e o meio, necessariamente temos que considerar que a corporeidade não dá qualquer forma essencial ou estável à subjetividade. É nessa lógica que se enquadra o pensamento de Butler, na tentativa de abandonar esse “carnalismo” do corpo (Idem, *Ibidem*, p.170).

Certos elementos de estilização, de fato, foram por nós percebidos em várias falas interessadas em continuar reproduzindo a idéia de “ser mulher” culturalmente oferecida, com todos os seus paradoxos. Em suma, as palavras de Baudrillard: “Às mulheres ofereceu-se para o consumo a Mulher”.

Freqüentemente nos apresentamos (ou nos representamos) a partir de nossa identidade de gênero e de nossa identidade sexual: “essa parece ser a referência mais segura sobre os indivíduos” (Louro, 2001: 12).

Tal abordagem, enfim, se faz por mostrar a idéia de fluidez do gênero, em oposição à fixidez expressa nas primeiras formulações ancoradas em bases biológicas, o que condiz com a elaboração de Parker (2001: 135):

“O que significa ser macho ou fêmea, masculino ou feminino, em contextos sociais e culturais diferentes, pode variar enormemente, e a identidade de gênero não é claramente redutível a qualquer dicotomia biológica subjacente. Todos os machos e fêmeas biológicos são submetidos a um processo de socialização sexual no qual noções culturalmente específicas de masculinidade e feminilidade são modeladas ao longo da vida. É através desse processo de socialização sexual que os indivíduos aprendem os desejos, sentimentos, papéis e práticas sexuais típicos de seus grupos de idade ou de status dentro da sociedade, bem como as alternativas sociais que suas culturas lhe possibilitam”.

Retomemos o exemplo da informante que repudia o padrão estético como o da Feiticeira. A desaprovação mesma de sua corporeidade por algumas pessoas é justamente fruto de uma “inadequação” ao que se convencionou considerar uma “essência feminina”, o que nos leva a pensar em mais um exemplo em que práticas corporais abandonam as perspectivas fáusticas transcendentais de barreiras e se apegam a uma crítica dos excessos que possam abalar os acordos em torno da “natureza feminina”. As entrevistadas, por outro lado, desejavam performatizar essa natureza culturalmente esperada de sua condição de mulher, ter sua pretensa subjetividade migrando para a pele, materializando no corpo sensualidade, leveza e assepsia (inclua-se aí a negação de manchas dos mais diversos tipos, tais como “marcas de espinha”, manchas de sol, etc.). Tal performatividade, aliás, ia além de questões estéticas; passavam também pela postura, pelo modo de andar, enfim, pelas técnicas corporais percorridas por Mauss:

“Além de tudo, a Feiticeira tem voz grossa. A gente só não diz que é um homem escritinho porque ela rebola muito (risos)”(A., 22 anos).

Abraçamos, quanto a esse aspecto, a sugestão de Butler de que “o gênero é uma fantasia instituída e inscrita na superfície de nossos corpos”, constituído por meio dos

efeitos de significação engendrados pelas performances da linguagem (Idem, *Ibidem*: 174).

Em suma, Butler nos sugere que o sexo não é natural, mas é ele também discursivo e cultural como o gênero:

“Partindo da emblemática afirmação de Beauvoir, ‘*A gente não nasce mulher, torna-se mulher*’, Butler aponta para o fato de que não há nada na sua explicação [de Beauvoir] que garanta que o ‘ser’ que se torna mulher seja necessariamente fêmea” (Rodrigues, 2003: 3).

Isso significa dizer, seguindo a linha de argumentação de Butler, que não existe uma identidade permanente por trás das expressões de gênero: ela é performativamente constituída, não vigorando, portanto, em sua análise, um “ser mulher”, bem como de um “ser homem”. Enfim, sobressai a negação da presença de um sujeito estável. É nesse sentido que vários estudos têm questionado a fixidez das idéias predominantes sobre o que constitui masculinidade e feminilidade (ver Weeks, 1989).

A categoria do “sexo” é, desde o início, normativa, nas palavras da autora (2001: 153): “É aquilo que Foucault chamou ‘ideal regulatório’”. Trata-se de uma prática reguladora que impõe formas de materialização visíveis na produção de corpos, sendo, portanto, “uma força que produz os corpos que governa”. Assim, as normas regulatórias do sexo trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual, como foi enfatizado nas falas que diferenciavam práticas para homens e para mulheres.

“O ‘sexo’ é um construto ideal que é forçosamente materializado através do tempo. Ele não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o ‘sexo’ e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada dessas normas” (Butler, 2001: 154).

Entretanto, a autora ressalva:

“O fato de que essa reiteração seja necessária é um sinal de que a materialização não é nunca totalmente completa, que os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta. Na verdade, são as instabilidades, as possibilidades de rematerialização, abertas por esse processo, que marcam um domínio no qual a força da lei regulatória pode se voltar contra ela mesma para gerar rearticulações que colocam em questão a força hegemônica daquela mesma lei regulatória” (Idem, *Ibidem*, p.154).

Em meio a todas as vantagens que possam justificar a performatividade corporal dessas mulheres, podemos aqui aproximá-la de uma vertente foucaultiana que sugere a possibilidade de reação dos corpos, de certo grau de poder incluso numa aparente relação de controle do corpo. Potência essa que tenta se realizar principalmente quando, ao performar, o corpo age, na tentativa de localizar-se e ter validados os signos que nele estão inscritos. É assim que tais mulheres se criam e se recriam constantemente, renovando a potência do corpo por meio dos tratamentos corporais constantes, oferecidos pelas clínicas, numa espécie de “manutenção da máquina”. Há a possibilidade de agência, então, que se faz quando esse corpo deixa-se administrar em função de seu melhor desempenho, a fim de adquirir espaço na estrutura em que se dá tal processo. Introjetadas as normas, o corpo tenta adaptar-se, para, em seguida, desdobrar-se em busca de efeitos positivos.

3.1 Reflexos do espelho na porta da rua

Quando questionadas sobre a motivação para o consumo de tais práticas, todas remeteram a uma preocupação com a auto-estima, justificando que submeteram seu corpo aos cuidados das clínicas no intuito de, primeiramente, melhorar sua relação consigo mesma, ressaltando que essa melhora fora capaz de incentivá-las a realizar suas tarefas no cotidiano.

Uma atuação mais positiva nos seus espaços de sociabilidade deu-se, num primeiro plano, mediante a ênfase nos aspectos interiores do sujeito contemporâneo ocidental (bem-estar, satisfação) que Ribeiro (2003) observa como marcante no discurso que promove e justifica o consumo das tecnologias estéticas atuais:

“Existem valores que dão sentido à realização de cirurgias plásticas, tais como ‘sentir-se bem consigo mesma’, ‘auto-estima’, ‘gostar de seu corpo’ etc., que atualmente parece poder ser traduzido em ‘basta querer para ser feliz’. Essa frase, ou outras similares, ditas por médicos e pacientes, percorre grande parte da publicidade sobre o tema”.
(Ribeiro, 2003: 8).

A autora inclusive cita trechos de entrevista com o cirurgião plástico brasileiro Ivo Pitanguy, que por diversas vezes ressalta a aliança entre os cuidados corporais e o aspecto espiritual, o que, de fato, muitas informantes demonstraram bem internalizadas:

Como sugeriu R., 24 anos

“Meus cuidados com meu corpo me dão o maior prazer que você possa imaginar. Toda vez que eu olho os resultados da minha lipo, ou toda vez que eu saio da academia, saio muito feliz, olhando o céu e dizendo: ‘Como o céu está lindo hoje...’. Por exemplo, eu sou cliente assídua daqui né.. e quando eu venho aqui na clinica fazer um tratamento, por mais chateada que eu chegue aqui, ou mesmo que tenha acontecido alguma coisa, que eu tenha brigado no trânsito, que eu tenha pegado um engarrafamento, ou que eu tenha problema em casa... por mais que eu traga problemas, quando eu saio, eu saio dizendo que está tudo ótimo, porque eu to fazendo uma coisa boa pra mim mesma. É um momento em que eu vou relaxar e saio daqui me sentindo mais bonita”.

Algumas outras falas pareciam carregadas de uma ambigüidade já percebida por Gonçalves (2004) num trabalho realizado sobre frequentadores de academia de ginástica:

“Decidi fazer a plástica por mim mesma... vi que eu tava precisando. Não foi por ninguém. Eu fiz, daí me senti melhor. Hoje sei que é importante cuidar de mim mesma. (...) Minha relação com o mundo é outra hoje em dia”.

Ao se deparar com falas que, num primeiro momento concentravam-se em expressões nas quais a ação de “ver e sentir” estavam na primeira pessoa, ele argumenta que

“o que se apresenta como monólogo imagético diante do espelho (do eu com sua imagem) funda-se num diálogo anterior cujos interlocutores (nós/eles) estão sedimentados no cristal que reflete o eu. Ou seja, é a própria “sociedade” (no sentido concreto de grupos, relações face-a-face, redes sociais diversas etc) que se encontra por trás do “ver-se e gostar do que viu”; o ator gosta ou não da imagem que se reflete no espelho porque, “lá fora”, haverá alguém ou alguma situação que aprovará ou não sua imagem corporal. O espelho funciona como um instrumento de censura da sociedade, é um dos olhos pelos quais ela vigia os indivíduos impondo-lhes, neste caso, os padrões de beleza considerados legítimos” (Gonçalves, 2004: 111).

As histórias de vida das entrevistadas também sinalizaram para questões afetivas ao abordarem um corpo anterior relacionado ao sofrimento. O desconforto estético foi tido como prejudicial ao desenvolvimento saudável de relacionamentos sociais, afetivos e sexuais. Muitas falavam do constrangimento pelo qual passaram ao se despirm diante do parceiro, sendo a flacidez a principal vilã. Esse discurso, pelo que pudemos observar em falas como a de A., 26 anos, pode ser subvertido através das práticas corporais:

“Depois que fiz a lipo, e coloquei silicone, tudo, a tendência é me sentir mais mulher, mais feminina, mais desejada”.

Falas desse tipo apontam para o caráter “malvado” das tecnologias sob a ótica de Hopkins (1998), segundo a qual as novas tecnologias do tipo da cirurgia cosmética, características de sistemas de gênero (que por sua vez quase sempre são tipicamente dominados por padrões machistas), simplesmente perpetuam tal dominação, sendo que esse processo ocorre muitas vezes de modo inconsciente. Por fim, percebe-se uma relação de complementaridade entre indivíduo e sociedade que “expressa-se na *corporificação*, por um sujeito, de modelos estéticos de forma medicalizada, como as cirurgias plásticas” (Ribeiro, 2003: 4).

A tão propalada construção da subjetividade desse processo realiza-se por meio de uma relação íntima entre as pessoas e as tecnologias, tal como sugere Haraway (2002). Destarte, já não há mais nenhum tipo de supremacia entre o organismo e a máquina: ao

invés disso, eles se complementam, e torna-se difícil saber até onde vai o orgânico no sujeito ou onde começa inorgânico. O “eu”, nesse caso, já não é tão estático. Ele se constrói e reconstrói mediante desdobramentos, nos agenciamentos do indivíduo com instrumentos sobre seu corpo (o caso do bisturi da cirurgia plástica), ou com as máquinas da academia de ginástica, por exemplo. Do mesmo modo, de acordo com Dòmenech, Tirado e Gómes (2001), a concepção tradicional de self, pensada em termos puramente psicológicos, limitada ao “eu” e ao que há de mais latente e interiorizado, deve ceder lugar a uma nova abordagem. Tais autores sugerem o abandono da idéia de um sujeito universal, estável, totalizado, utilizando, ao invés disso, o argumento de uma subjetividade socialmente construída, dialógica, descentrada e nômade. O sujeito se faz assim em novas versões:

“pelos arranjos maquínicos que o constroem e o animam; pelas linguagens que o ocupam; pelos desejos que o movem; pelos poderes que o saturam; e pelo tecido material que o amarra. Em contraste com o anseio por um sujeito imortal, a-histórico, incorpóreo, universal e abstrato, há uma insistência no fato de que o sujeito é (...) fixado por uma infinidade de aparatos sociais. (...) Em outras palavras, o sujeito é o contexto no qual ele é produzido: uma obra-em-processo; uma obra-como-processo” (Doel, 2001: 82).

As expectativas criadas em torno das práticas investigadas participavam de um emaranhado em que era difícil saber onde começa o “eu” e até onde vai a preocupação com o olhar do “outro”, o que parece inibir a demarcação de um espaço largo entre o público e o privado, uma interioridade que só faz sentido no mundo exterior ao indivíduo:

“Nesta encruzilhada entre o público (a sociedade) e o privado, pode-se pensar o corpo como um lugar de heterogênesse de sentidos, movimentado pela lógica do capital que rege o mercado e pelas lógicas (...) dos afetos que tendem a transformar e reproduzir o ‘corpo-patrimônio’. O privado (...) resguarda sua identidade do público, (...), daquele que não sou eu, mas não obstante habita em mim. Acontece no corpo uma sobrecodificação dos códigos da sociedade que passam a fazer parte do seu território” (Mairesse, 2004: 111).

O que se experimenta no corpo forma idéias na alma, indo de encontro a concepções como a de Espinosa, que faz de ambos a essência do ser humano.

As imagens corporais oferecidas pelo mercado estético como mercadorias a serem consumidas coincidem, por muitas vezes, com o discurso de novas possibilidades de escolhas e subversões que demarcam a relação da mulher consigo mesma, ao mesmo tempo em que esse voltar-se pra si é acompanhado de uma sombra social que participa diretamente desse processo que constitui-se num verdadeiro “rito profano” (Pereira, 2001: 49), “exprimindo-se através de ações seqüenciais, papéis teatrais, valores e afinidades que são comunicados por sistemas codificados” (Idem, Ibidem, p. 49). Assim, tais modalidades de cuidados corporais, longe de estarem restritas à esfera do pessoal e do privado, fazem-se como práticas de preparação cujo fim é a exibição. O que Baudrillard denomina *narcisismo personalizado* se configura num processo no qual, “pela obtenção do seu ideal de preferência e pela identidade consigo mesma, (...) a mulher segue mais fielmente o imperativo e coincide mais estreitamente com tal ou tal modelo *imposto*” (Baudrillard, 1995: 96). Eis o questionamento do autor: “Astúcia diabólica ou dialética da cultura de massas?”.

Neste universo de forte referência ao papel da estética corporal enquanto produtora de satisfação pessoal, o que contribuía para os relacionamentos afetivo-sociais dessas mulheres, a impressão que se tinha é que, quanto mais elas se cuidavam, mais pareciam sentir os efeitos do processo de desencargo de consciência que poderíamos resumir num “eu preciso me cuidar, então vou me cuidar!”. A partir da adequação do corpo aos recursos disponíveis, restava-lhes usufruir todos os benefícios do “cumprimento das necessidades”. Isso vai de encontro à constante sugestão dos meios publicitários de que cada um é responsável pelo sucesso ou fracasso, uma vez que tem a sua disposição (no mercado) os

cuidados corporais, torna a instância estética um cartão de visitas onde são sugeridos atributos bem valorizados atualmente, como pode ser verificado na referência de algumas entrevistadas àquelas mulheres que se cuidam e demonstram certa dose de perseverança diante de circunstâncias desfavoráveis ao corpo.

Num processo inverso, a “mulher feia” adquire uma singularidade psicológica segundo a qual “é feia porque não se ama”. Ao mesmo tempo, segundo Ribeiro, parece que a função da cirurgia plástica é subjetivar uma experiência que se baseia em padrões estéticos do coletivo:

“É interessante porque essa medicalização da experiência, realizada através de uma ‘cultura psi’, ao mesmo tempo que faz a responsabilidade recair toda sobre o sujeito, também se torna expressão do modo como você se vê, ainda que seja fruto do que possa parecer diante dos outros - dado que são modelos estéticos ideais que se segue”(Idem, *Ibidem*: 8).

Ao longo dos séculos o corpo feminino foi alvo de tantas interdições biológicas e culturais que hoje a maioria das argumentações que incentivam as técnicas de embelezamento parecem querer forçá-lo a libertar-se de tais amarras, embora estejamos cientes de que tal fato envolve aspectos contraditórios e repressores, o que fundamenta a investigação que pretendemos aqui. Podemos pensar na espetacularização do corpo feminino apontando para uma mudança histórica bem percebida por Baudrillard, que por si só já se configura como um interessante arsenal de reflexões a serem feitas:

“Durante séculos, fizeram-se esforços escarniçados para convencer as pessoas de que não tinham corpo; (...) hoje teima-se sistematicamente em convencê-las do próprio corpo”(Baudrillard, 1995: 136).

Do mesmo modo,

“Assim como a mulher e o corpo foram solidários na servidão, também a emancipação da mulher e a libertação do corpo se encontram lógica e historicamente interconexos”(Idem, *Ibidem*, p. 146).

No entanto, a tão propalada idéia de que é possível materializar o bem-estar e a “personalização” via corporeidade termina por apresentar um poder de destruição para os corpos que não se utilizam desse emblema:

“É muito constrangedor você chegar numa loja e não encontrar nada que caiba em você. É uma situação muito chata. Quantas e quantas vezes isso já aconteceu comigo... até as próprias vendedoras ficavam constrangidas, porque nada me servia. Isso sem contar no dia a dia... as pessoas te chamando de ‘gordinha’ o tempo todo, como se usando no diminutivo fosse suavizar alguma coisa. Eu definitivamente sofria muito com esse tipo de coisa. E não adianta vir com papo de que a gente tem que se aceitar como somos, porque eu sei muito bem o que eu passei. Hoje parece fácil falar.. as pessoas olham pra mim, elogiam, mas só eu sei o que eu passei por não ter um corpo que as pessoas consideram o ideal”(T., 22 anos).

Aqui, o auto-controle e a vergonha do “ridículo”, ao mesmo tempo que fazem com que essas mulheres abstenham-se de um tanto de convívio e trânsito por determinados espaços sociais, tornam-se mecanismos de impulso do desejo de reverter a situação. De tal modo, faz-se a perspectiva de Elias, na qual, ao mesmo tempo em que são moldados por forças sociais, sentimentos e pulsões (a vergonha, nos casos acima), tornam-se elementos fundamentais no estabelecimento de novos modos de comportamento. Se o corpo não está adaptado aos padrões simbólicos, o sentimento de embaraço torna-se propulsor da auto-vigília e novos hábitos em função da elaboração de um corpo “plausível”. “Dominar-se é vencer”, nessa lógica. Ou, ainda, “Você não precisa mais sofrer por estar acima do peso!”. A preocupação estética toma ares de domesticação dos sentidos, migrando para a consecução de status “civilizado” do corpo:

“A agência controladora que se forma como parte da estrutura da personalidade do indivíduo corresponde à agência controladora que se forma na sociedade em geral. A primeira, como a segunda, tende a impor uma regulação altamente diferenciada a todos os impulsos emocionais, à conduta do homem na totalidade. Ambas – cada uma delas mediada em grande parte pela outra – exercem pressão constante, uniforme, para inibir explosões emocionais”(Elias, 1993: 201-2).

A necessidade de empoderamento do corpo se fazia também em função da “competição” com suas iguais:

“Eu me sentia feia, tinha muitos complexos. Achava que qualquer mulher era mais bonita que eu. Agora isso passou” (C., 28 anos).

Outras variáveis também foram relevantes para se falar da heterogeneidade de relações baseadas na estética, como no caso abaixo, em que além das medidas do corpo, a “raça” também aparece como mediadora, confirmando uma polifonia de modelos femininos:

“Eu era super insegura com a ex do meu namorado. Morria de ciúmes. Ela era linda, magra, loira, então só podia ser simpática né? E eu gorda e complexada, só podia ser o mau humor em pessoa (risos)”(C., 27 anos).

Buscamos, também, apreender sua opinião quanto à utilização da cirurgia plástica pelos homens. Geralmente elas levavam a questão para o âmbito da “democratização dos cuidados de si”. Ou seja, segundo elas, homens e mulheres deveriam ter “direitos iguais” no que concerne à preocupação estética e à busca da satisfação pessoal:

“Acho que independente do sexo, tem mais é que cuidar do corpo, o que faz bem à mente. Então, acho que vale...” (E., 37 anos).

“Acho que eles estão no mesmo direito das mulheres. Todos nós estamos no mesmo direito” (R., 24 anos).

Não pudemos deixar de perceber o quanto à fala que defende que é um “direito” do homem cuidar de seu corpo se contrapõe a uma certa sensação de “dever” que muitas entrevistadas demonstravam em cuidar do corpo, como H. 21 anos :

“Eu acho que a gente tem mais é que se cuidar mesmo. Ficar bonita sempre mesmo”.

Ou seja, aos homens parece que isso é “facultativo”. Isso foi ainda mais reforçado adiante, quando conversamos com outra entrevistada que se dedicava a diversos cuidados com o corpo, mas parecia menos exigente em relação à estética masculina:

“Eu não sou muito exigente com o sexo oposto não.. eu sou mais exigente comigo.. Então no homem eu olho mais os olhos, a cabeça, o que eles pensam.. Não olho muito não” (R., 24 anos).

De modo que mesmo os metrosssexuais, homens vaidosos das grandes metrópoles, ainda são vistos como um grupo “alternativo”, apesar de sua forte tendência. Quanto a isso, Ribeiro (2003) faz uma interessante observação:

“Parece-me interessante que grande parte dos artigos de revistas, jornais e televisão, se refiram quase exclusivamente às práticas estéticas femininas quando se sabe que hoje quase 30% do mercado é masculino e que, segundo dados da Folha de São Paulo, seriam “pessoas de meia idade que utilizam o visual como instrumento de trabalho”. Mais interessante ainda é que, no caso masculino, as cirurgias em geral são tratadas como terapêuticas. A possibilidade de existir um discurso sobre práticas cosméticas e cirúrgicas masculinas está ainda mais longe do que a prática estética”(Ribeiro, 2003: 3).

Ademais, como bem ressalta Goldenberg (2004: 44), “o curioso é que o barrigão de cerveja não tem o mesmo efeito sobre os homens: apenas 12% deles se queixam de falta de desejo”. Houve outras falas que expressavam relações conflitantes desse tipo:

“Olha, você pode até achar exagero, mas teve uma época que eu até evitava ficar com os caras, digo ficar de ter algo mais sério, porque eu morria de vergonha na hora do sexo. Tirar a roupa pra mim era um problema. E na praia, que eu adoro, eu evitava ir de biquíni... mal tinha coragem de ficar de maiô; tava sempre com uma blusona por cima de mim. E se tava eu e minhas amigas e um cara olhava na direção da gente, eu nunca achava que era pra mim que ele tava olhando. As meninas diziam que o cara tava me paquerando, e eu dizia: ‘que nada, deve ser pra uma de vocês’. Enfim, minha auto-estima tava fudida mesmo antes do meu regime e da minha lipo. Nada de namorado, nada de vida sexual” (C., 28 anos).

Em termos categóricos:

“numa sociedade altamente erotizada no plano da moda e da mídia, que privilegia cada vez mais o ‘corpão’, a cama pode ser palco de uma tremenda

frustração para quem não apresenta medidas próximas das perfeitas”(Idem, Ibidem, p. 45).

Para essas mulheres, parece o projeto reflexivo do *eu* que Giddens (1992) propõe, e que emerge no que ele chama de *sexualidade plástica*, bem como solapa a sua crucialidade para a emancipação implícita no relacionamento puro. Esses modos de interação parecem não atender ao processo de democratização suposto pelo autor na esfera da intimidade. Assim, embora ofereça elementos subversivos ao transformar o antigo papel atribuído à mulher, que limitava sua sexualidade à reprodução, a sexualidade plástica não consegue eliminar os constrangimentos afetivos que aqui observamos. As possibilidades, então, são monitoradas em busca de uma corporeidade que reproduza modelos de sensualidade, fazendo permanecer antigos projetos de adequação ao “gosto masculino”:

“Assim como os homens, nós interiorizamos as concepções de gênero dominantes quanto à masculinidade e feminilidade” (Flex, 1992: 246).

No entanto, como o mercado dispõe de “muitas alternativas”, experimentar tais frustrações requer, ao mesmo tempo, algum tipo de reação. Daí a tentativa de consumir modelos, acarretando o que Baudrillard chama de consumo da erotização feminina (Baudrillard, 1995):

“(…) Se a mulher se consome é porque a sua relação se encontra objetiva e alimentada por signos, signos estes que constituem o *Modelo Feminino* que, por sua vez, surge como o verdadeiro objeto do consumo. É a ele que a mulher consome, ao ‘personalizar-se’” (Idem, Ibidem: 96).

Num emaranhado de categorias antagônicas, a imposição do prazer se mostra destrutiva, o que vem a caracterizar a violência que Freire aponta no narcisismo:

“Narcisismo que pode ser visto não apenas como amor à própria imagem, dentro da dinâmica do prazer-desprazer, mas como um movimento regenerativo, defensivo, em face da violência, através de mecanismos baseados na experiência ou modelo da dor”(Idem, Ibidem, p. 178).

Expectativas são criadas em torno do corpo e dos desejos, ao mesmo tempo em que sua não consecução por vezes provoca frustrações que se refletem na própria corporeidade e afetividade do indivíduo, colaborando com patologias como anorexia e bulimia, transtornos alimentares de clara importância bio-psico-social:

“Em uma sociedade onde o sujeito vale pelo que parece, o público feminino em especial padece pelo que a Medicina nomeia de Transtorno da Compulsão Alimentar. Isto é, patologias associadas à oralidade, ligadas à ingestão da comida, que, entre outras conseqüências, alteram o esquema corporal do sujeito e lhe causam sofrimento. Como, por exemplo, a Anorexia, a Bulimia, a Obesidade e suas diversas ramificações”(Mairesse, 2004: 114).

A autora prossegue:

“Segundo site sobre Medicina e Transtorno Alimentar¹⁷, todas as estatísticas apontam que 90% das pessoas portadoras de Transtornos Alimentares são mulheres e, entre elas, aquelas com idade entre 14 e 18 anos, embora, hoje em dia, cada vez mais essa idade venha decrescendo perigosamente para meninas menores de 12 anos”.

A noção de um corpo apresentável, circulável pelas dimensões da vida social, bem como adaptado ao “gosto masculino”, leva ao extremo o que Freud (apud Freire, 1996) já sugeria em sua *Introdução ao Narcisismo*, onde ele argumenta que todo narcisismo é dirigido para o que o no corpo ou no psiquismo é percebido como objeto de desejo do outro. Assim, o narcisismo infantil já derivaria do narcisismo dos pais, “ou seja, a criança ama em si aquilo que nela é desejado pelos pais” (Idem, *Ibidem*, p. 162). Falemos aqui da promoção consumista a respeito de um corpo feminino e sua concomitante sexualidade dirigida, proclamada muitas vezes pelo mercado publicitário como a experiência pessoal do prazer corporal, mas que mascara uma relação desse corpo individual com vários outros corpos em cena, que no final das contas tem sua experiências sociais, bem como as mais íntimas, abaladas pelo externo, longe de vivenciá-las plenamente. A busca pela satisfação

¹⁷ <http://www.psiqweb.med.br/alimentar.html>

pessoal, nesse processo, nos soa bem mais como uma tentativa de não eliminação do indivíduo num circuito onde não apresentar um corpo dentro dos parâmetros convencionados que estipulam as principais fontes de auto-realização pode significar sua morte social. De tal forma, como sugere Baudrillard (apud Freire, 1996), este investimento no corpo não representa uma abertura de comportas, que daria vazão à sexualidade ou ao desejo reprimidos, sendo a corporalidade e a sexualidade recalcadas debaixo de um “erotismo de fachada”, “espetacular e ruidoso na superfície, mas desvitalizado nas profundezas”. Assim, destaca-se o peso do aspecto simbólico, que supõe a adequação dos dominados à categorias que embasam sua dominação (Soihet, 1998: 6).

3.2 Beleza funcional

Ainda quanto a uma maior influência nas redes sociais suportadas pelo corpo tecnologicamente investido, falou-se por diversas vezes de uma estética que sugerisse um “corpo funcional”, leve e ágil, capacitado a realizar as tarefas do dia a dia cada vez mais dinâmico, o que condiz com a lógica capitalista de que “tempo é dinheiro”, em que o corpo aparece como capital a ser investido em harmonia com a lógica do lucro inerente ao mercado. De modo geral, os indícios de gordura foram apontados como dificuldades para se ter um corpo “dinâmico” como o requerido pelo rotina, de modo que a modificação constante do corpo via lipoaspiração foi tida como positiva em grande parte das falas, embora algumas tenham tratado de um “momento adequado” para praticá-las:

“Acho que tudo tem seu tempo (...). Tem meninas que, a meu ver, não necessitam de uma lipoaspiração, mas porque têm dinheiro e querem resultados mais rápidos se submetem a cirurgias desnecessárias no momento. Claro que se a pessoa estiver com a barriga grande demais, ou realmente estiver com muita gordurinha e puder fazer a cirurgia, tudo bem”(H., 21 anos).

Ao mesmo tempo, esse discurso parece desmanchar um discurso biologizante que ao longo dos séculos fragilizou o corpo feminino em prol da supremacia corpórea masculina. Hoje, o mercado de trabalho promove a leveza e atitude corpóreas, possíveis tanto a homens quanto a mulheres. Ao menos em alguns aspectos, o corpo feminino trabalhador entra em igual vantagem com o corpo masculino. A lentidão e o cansaço, ao contrário, parecem desprover um e outro da participação na lógica capitalista:

“Quando a histórica conquista da velocidade cria novas lentidões como se estas fossem somente seus opostos, todo o peso material tende a ser percebido como mero obstáculo a ser ultrapassado, aniquilado. O peso do corpo é um deles. Sócrates já havia sido o porta-voz de um antigo sonho: escapar da resistência da matéria, pois ‘o corpo nos causa mil dificuldades’”(Sant’Anna, 2005: 19).

Desse modo, repete-se aquele processo de criação de estereótipos com o intuito de demarcar os “inaptos” ao mercado de trabalho descrito por Engelman & Fonseca (2004):

“No primeiro período da Revolução industrial, parte da concentração dos pobres e miseráveis se expressava nos inúteis e inaptos para o trabalho, tais como os mendigos, os loucos, os deficientes físicos, os marginais (delinquentes), os doentes crônicos, os velhos e mulheres, como as viúvas e as solteiras sem provimento próprio. Essa condição acabava por afastar os despossuídos do convívio social, principalmente por meio do enclausuramento institucional promovido por instituições como os presídios, os manicômios, os asilos, os conventos” Engelman & Fonseca, 2004: 54).

Reconhecemos que alguns desses estereótipos sobrevivem até as atuais relações promovidas no mercado de trabalho. Outros foram reforçados ao longo do tempo, como os referentes ao grau de instrução escolar, bem como à familiaridade com inovações tecnológicas:

“Tornou-se quase que óbvio falar da necessidade do profissional atual de saber lidar com a informatização que gere nosso cotidiano. (...) Na esfera do trabalho, os profissionais também especializam-se cada vez mais. Na área médica, por exemplo, é cada vez maior o número de especialidades. Além disso, cobra-se cada vez mais que o profissional recicle seus conhecimentos na área,

atualizando-se a fim de ter seu espaço ao menos garantido no mercado”(Melo, 2005: 16).

Focalizemos então as modulações em torno das condições corporais dos trabalhadores: hoje alguma deficiência física, se suprida pelas tecnologias do mercado, pode deixar de ser um empecilho e adquirir o “corpo-potência”, o que sugere uma igual gama de condições tidas pelos demais ditos “normais”:

“Com a tecnologização e o novo leiaute das organizações, mais fluídas e leves com vistas a acompanhar a velocidade de mudança imposta pelo mercado, (trata-se agora) de tornar o corpo do trabalhador mais leve, mais flexível, mais dinâmico, ou, pode-se dizer, ‘informe’” (Engelman & Fonseca, 2004: 55).

É interessante notar o processo de consumir o que o mercado oferece, para então poder fazer parte dele enquanto massa produtora, e então “reconsumir” para sobreviver:

“O corpo (...), submetido às normas e padrões de consumo, corre constantemente para acompanhar exigências que o mundo ocidental requisita, tais como o constante aperfeiçoamento, a juventude eterna e os padrões ideais de beleza. Corpo que consome compulsivamente subatividades “prêt-a-porter”, construídas na lógica produtiva do contemporâneo para se tornarem obsoletas antes mesmo de serem incorporadas. Corpo que vive em vertigens, em constante luta para manter-se equilibrado e permanecer numa pista de corrida sem linha de chegada”(Idem, Ibidem: 57).

Continuemos nosso esforço em perceber o modo como o corpo feminino, nosso foco de atenção, vem participando de tais transformações: à medida que o corpo da mulher se desvincula do espaço trancafiado do lar, cabe a ele superar novos desafios e ir de encontro a lutas corporalmente materializadas, travadas no cenário público, antes restritas à corporalidade masculina. Reconhecemos que a saída da mulher dos limites do lar não significa necessariamente um avanço em direção a equidade de oportunidades para os dois sexos:

“As mulheres continuam recebendo, em média, rendimentos 30% inferiores aos dos homens, apesar de possuírem, em média, níveis de escolaridade superiores: 7 anos contra 6,8. Quando observamos os números referentes ao rendimento-hora da população, a desigualdade se mantém. Em 2003, as mulheres recebiam por hora cerca de 83% do rendimento dos homens, segundo o IBGE. Em todas as situações, o rendimento das mulheres negras é inferior, representando entre 35% a 50% do recebido pelos homens não negros e entre 45% a 65% em relação ao das mulheres não negras”¹⁸.

Tal disparidade indica que as conquistas políticas e sociais não alcançaram a uniformidade desejada: “algumas mulheres seriam mais iguais aos homens do que outras” (Flax, 1992: 2208). Além disso, apesar de sua imersão no mercado de trabalho, ainda há um ideário que atribui a mulher a responsabilidade por grande parte dos afazeres domésticos. Isso se percebe nos argumentos que sobrevivem para legitimar a vantagem da mão-de-obra masculina sobre a feminina:

“O argumento dominante é que seria mais caro empregar uma mulher devido aos custos indiretos associados à sua contratação, em particular aos dispositivos legais de proteção à maternidade e ao cuidado infantil. Outras tarefas e cuidados, relacionados às responsabilidades familiares, principalmente os relacionados ao cuidado das crianças, idosos e doentes, que continuam sendo assumidos principalmente pelas mulheres, são considerados também fatores adicionais no custo do trabalho feminino”¹⁹.

O fato é que, apesar da insistência desses estereótipos e de vários mecanismos de exclusão, pudemos perceber um caso específico em que as novas tecnologias vêm neutralizar alguns espaços e auxiliar a participação da mulher nos âmbitos profissionais cujos requisitos dizem respeito à eficiência (o que numa época totalmente burocratizada exige o mínimo de intimidade com avançadas máquinas e complexo arsenal tecnológico) e à agilidade de um corpo desprendido e maleável para correr contra o tempo na

¹⁸ Fonte: site do Centro Feminista de Estudos e Assessoria:
<http://www.cfemea.org.br/temasedados/detalhes.asp?IDTemasDados=159>

¹⁹ Idem.

execução das tarefas, características oferecidas pelas novas tecnologias tanto ao corpo do homem quanto ao da mulher.

Além disso, “numa época de tecnologia avançada a ineficiência é pecado contra o Espírito Santo” (Huxley, 2001: 28). Quanto a essa última imposição, as técnicas cosméticas e seus efeitos de redução da obesidade do corpo soam como ferramentas a favor da mulher, ao menos em parte.

“É fato que um corpo magro faz as mesmas tarefas que um corpo gordo de um modo muito mais rápido né? Eu mesma sinto isso.. quando eu era mais cheinha, me cansava logo... trabalhava num escritório, era uma espécie de office-girl e só vivia com a língua de fora, cansada. Então isso me incentivou também a adaptar meu corpo às minhas tarefas”(A., 22 anos).

No caso acima, aparentemente, o consumo da cirurgia plástica mostrou uma outra vertente, diferente daquela em que se faz para reproduzir um estereótipo corporal de feminilidade em função de “preferências machistas” (a mulher peituda e gostosa da propaganda de cerveja), o qual termina por situar tais práticas cosméticas num contexto onde a relação “gênero e poder” é claramente exercida. Esse lado “positivo” das cirurgias plásticas reforça concepções teóricas como a de Davis (1995), que, embora perceba elementos problemáticos e aspectos coercitivos nas técnicas cirúrgicas de embelezamento, percebe muito mais aspectos positivos, como a noção de iniciativa por parte dos pacientes, os quais não são considerados meros fantoches que inocentemente submetem seu corpo a padrões estabelecidos:

“O objetivo de Davis é encontrar uma interpretação da cirurgia plástica que critique os ‘discursos e práticas culturais que inferiorizam o corpo feminino’ – mas que, segundo ela, não trate a paciente como uma idiota, como fizeram outras intérpretes feministas” (Edmonds, 2002).

As técnicas cirúrgicas estéticas, nesses casos, foram a prática corporal mais atrelada ao ideal de eficiência, ao menos nos argumentos que defenderam seu uso como sendo um recuso mais prático para se atingir um corpo socialmente esperado, mostrando certa aversão à rotina dos trabalhos corporais de academias de ginástica, bem como abdições que dietas alimentares exigem:

“Eu sou preguiçosa pra exercício mesmo. Por isso eu optei pela lipo. Eu não tenho muita disposição e *nem muito tempo* pra academia não. Só me matriculei em uma depois que fiz a lipo, só pra manter o corpo, e mesmo assim nem vou sempre, *porque tenho mais o que fazer*. Se eu fosse esperar resultado de malhação, tava esperando até hoje. E fechar a boca, já tentei muitas vezes, mas sou fraca pra dieta. Acho que a lipo foi a coisa mais prática mesmo. Pra quem tem paciência pra exercício, ótimo, até porque faz bem pra saúde. Mas eu não tenho mesmo. Até tentei, mas não é minha praia. Não tenho saco *nem tenho tempo* pra ficar repetindo uma série de exercícios na frente do espelho” (R., 34).

Surge então um paradoxo: a eficiência é almejada sem a disposição a grandes esforços. A construção imagética de um corpo que venha a sugerir tais valores ressaltados pelo mercado busca, então, outros meios.

De qualquer modo, o intuito era adequar seu corpo como instrumento de trabalho. Daí infere-se que, se a regra é agilidade, o corpo feminino terá chances equitativas em relação ao masculino. Nesse sentido, ao contrário do que argumentamos no caso do implante de silicone nas mulheres que tiveram os seios amputados, a proposta de Haraway soa como mais condizente: aqui, se levada a cabo a impessoalidade do domínio da técnica burocrática (domínio este já destrinchado por Weber como propulsor de um processo de desencantamento do mundo), haverá a possibilidade de se utilizar da tecnologia a favor da elaboração de corpos anônimos que concorram igualmente às oportunidades, em oposição a uma construção corporal mediada por valores estéticos patriarcais, cuja imposição fere a auto-estima e cria complexos conflitos afetivos. Assim, no caso da proposta de um corpo

dinâmico imposto tanto a homens quanto a mulheres, a dominação marcada por diferenças de gênero corporificadas têm um peso menor: sem corpo, deixam de existir individualidades sexuais capazes de conhecer poder ou dominação (Haraway, 2000). Predomina, assim, a impessoalidade do corpo que exige, de todo integrante do sistema produtivo, leveza e rapidez. No final das contas, o corpo de quem quer que seja “torna-se função de objetivos capitalistas: quer dizer, se investe-se nele, é para o levar a frutificar” (Baudrillard, 1995: 139).

No universo contemplado, o sentido do “voltar-se para o corpo” e a responsabilidade atribuída a cada indivíduo no processo de cuidar dele, ao mesmo tempo que impõe normas e padrões de consumo, proporciona a abertura desse mesmo corpo a novas possibilidades, flexibilidades e criações:

“Eu trabalho fora, mas também sou dona de casa, né.. então meu marido vive brincando: ‘você reclama tanto que vive fazendo serviço dentro de casa; isso não é uma ginástica? pra que então ir pra academia ou fazer plástica? Daí eu digo: por isso mesmo! Na academia ou na clínica eu vou trabalhar o meu corpo do jeito que *eu quero!* Eu digo a ele: ‘não é carregando balde nem varrendo casa pra você que eu vou ficar bonita’. Mas quando eu vim fazer avaliação aqui na clínica, por exemplo, eu disse exatamente o que eu queria fazer com meu corpo! Meu corpo não serve só pra “*tá*” *dentro de casa*”(M., 45 anos).

Nesse caso, cabe uma menção a analítica foucaultiana de poder, permitindo que pensemos as relações de poder como um “feixe de vetores que focalizam diretamente a vida com o intuito de engendrar determinadas formas corporais e subjetivas” (Sibilia, 2002: 10). Isso nos incita a superar a mera noção convencional de poder, no sentido de nos fazer enxergar as “redes de relações num complexo jogo de forças, e não mais uma instância unidirecional, puramente negativa, cujo objetivo seria reprimir ou proibir”. Os sujeitos não são meramente produzidos; são também capacitados a fazer, e para tanto “eles são maquinados ou compostos” (Rose, 2001: 166). Afinal,

“a capacidade de *resistência* está sempre presente. Ela é inerente às relações de poder, por definição: de acordo com a perspectiva foucaultiana, se não houver possibilidades de resistir, então simplesmente não se trata de uma relação de poder, pois as relações desse tipo envolvem sempre e somente ‘sujeitos livres’. Ainda assim, em todas as sociedades o corpo está imerso em redes que lhe impõem certas regras, obrigações, limitações e proibições” Idem, *Ibidem*, p. 32).

Portanto, os corpos que se fazem nesse processo não são apenas dóceis, mas também são úteis.

3.3 Corpos idos

As biotecnologias abalam não somente tradicionais concepções acerca do início e fim da vida: cada vez mais influenciam a nossa vivência de um modo geral. O curso da vida pode agora ser transformado a qualquer contato com as novas tecnologias. Ao mesmo tempo que a característica moldável do corpo serve de alívio para quem pretende retocá-lo a fim de extirpar elementos estéticos desagradáveis (um sinal de nascença que todos acham “feio”, por exemplo), essa mesma mutabilidade, quando resultante dos “efeitos do tempo”, também é causadora de insatisfações. Eis que as tecnologias estéticas prontificam-se para “remodelar” o que é moldável. Essa capacidade aplica-se principalmente à velhice, uma categoria cuja representação está fortemente associada a estigmas socialmente ligados à decadência física (Peixoto, 2000).

A velhice foi uma etapa da vida feminina tratada como conflituosa nos depoimentos colhidos. A inquietação quanto ao futuro revelou-se, principalmente, na tentativa das consumidoras de viverem uma velhice bem-sucedida (Baltes, 1995).

Ao se falar de uma “velhice tranqüila”, vários aspectos tornaram-se relevantes. As principais preocupações, pelo que pudemos perceber, giravam em torno da estética,

evidentemente, mas, também, destacou-se o desejo de evitar doenças, debilidade física e mental, impotência e dependência em relação às outras pessoas:

“Eu penso também no meu futuro quando cuido do meu corpo desde já. Quero ter uma velhice bem tranqüila, com uma vida ativa.. Não estar em cima de uma cama, não ter um infarto, um derrame... o que eu puder fazer hoje pra evitar esse tipo de coisa eu faço. Mas claro que eu também quero ser uma coroa com tudo em cima né? (risos). Não precisa nem ser uma Vera Fischer, mas quero chegar com um corpo legal. Daqui pra lá muitas plásticas vão rolar (risos)”(R., 24 anos).

Algumas mulheres, muito jovens, na faixa dos vinte anos, já demonstravam preocupações quanto aos sinais físicos característicos do processo de envelhecimento do corpo:

“Senti necessidade de cuidar do meu corpo porque ‘tava’ envelhecendo. A idade vai chegando e você sente que sua barriga não é mais igual; a pele já não é mais tão elástica” (L., 26 anos).

“A idade tá chegando, mas a mulher não precisa se conformar. Eu mesma estou com 51 anos, me considero mais enxuta do que outras meninas mais novas. Então por que eu não continuar cuidando do meu corpo? Vou fazendo lipo, cuidando do meu corpo, até quando eu puder. Não quero ser uma velha relaxada e rabugenta (V., 51 anos).

Como justificativa para se apropriar do que a tecnologia tem a oferecer, temos o discurso do não conformismo perante a inevitável trajetória da vida e seus desdobramentos sobre o corpo. Isso se faz num processo inverso ao de outras épocas, onde os moldes do corpo feminino eram moralmente orientados à resignação dos sinais do tempo, do mesmo modo que a vida sexual deixava de existir quando cessava a capacidade reprodutora da mulher. Hoje em dia, ao contrário, as técnicas propõem refazer corpos que desfrutem de sua sexualidade mesmo numa idade mais avançada, através de interferências em seu funcionamento interno (hormônios, etc.), como também no trabalho de rejuvenescimento sobre a pele.

A possibilidade de recriar o corpo com “quantas cirurgias forem necessárias” vai de encontro a uma lógica de renovação do corpo, a transvaloração deste em virtude de um hedonismo evidente, perfazendo novas formas de experimentar a velhice com possibilidades distintivamente criativas (Featherstone, Hepworth & Debert, 2000). Tal perspectiva hedonista viabiliza uma menção à celebração da vida proposta por Nietzsche (2003), alicerçada pela vontade de potência que, aqui, impulsiona o corpo a ter mais vida. O caso da velhice, por exemplo, serviria para realizar a condição do corpo-dinamite, que, devido a sua natureza dionisíaca, necessita ser destruído (as rugas, as debilidades físicas) para então provar seu poder de renovação:

“É necessária uma explicação: não sou eu tão-somente um decadente; sou também o contrário dum decadente. Uma prova evidente disso, entre outras, é o fato de ter instintivamente discernido sempre os justos meios nas situações difíceis, enquanto quem é somente decadente procura constantemente os meios que lhe são perniciosos” (Idem, *Ibidem*:39).

O período da pós-maternidade também foi tratado como de grande insatisfação estética, provocada pelas seqüelas da gravidez: pele flácida, excesso de gordura, seios “caídos”, etc., o que se tornou um dos principais incentivos para se procurar os serviços das clínicas de estética:

“Depois de uma gravidez, eu engordei bastante, aí depois que eu parei de amamentar, decidi fazer uma dieta e fazer um tratamento mais específico. Aí fiz uma avaliação aqui na clínica pra ver o que fazer”(A., 27 anos).

“Eu tive filho, aí na gravidez eu pensei logo em fazer a cirurgia nos seios. Só não fiz ainda por causa da verba. Dei prioridade à lipo na barriga”(L., 29 anos).

Mesmo algumas mulheres que ainda não passaram pelas transformações corporais resultantes da gravidez já demonstravam alguma preocupação quanto a isso, e planejavam atitudes para resolver tais problemas:

“Depois que eu tiver filhos, com certeza farei uma plástica. Vou botar silicone nos seios, levantá-los pra ficar bem direitinho (risos) e uma lipoaspiração no culote e na barriga”(R., 24 anos).

Assim, o próprio percurso da vida, inscrito na superfície do corpo, motivava o seu revigorar constante.

Ainda quanto à experimentação da vida através da corporeidade, algumas se remeteram a um passado mais distante, como a época do colégio por exemplo, onde “defeitos” como acne, gordura ou o fato de ser muito magra era motivo de inibição para suas redes sociais. É interessante notar como muitos desses padrões mudaram, como sugere a fala dessa informante:

“Eu me lembro que na época do colégio eu era chamada de Olívia Palito, e tinha muita vergonha... tudo o que eu queria era emagrecer. Depois engordei, e hoje estou aqui, fazendo lipoaspiração. Antes eu tinha vergonha de usar saia. Hoje eu luto pra usar um biquíni” (A., 21 anos).

Mas, se são etéreos tais padrões, o corpo responde com sua maleabilidade. Afinal, o valor da carne está justamente em superar a si mesma. O sagrado, aqui, não interessa. O encanto está justamente em vencer o que por muito tempo foi considerado indício de limitações do corpo:

“(…) Foi precisamente nos anos da minha mais débil vitalidade que eu cessei de ser pessimista; a necessidade instintiva de restabelecer-me afastou-me da filosofia da miséria e do desânimo”(Nietzsche, 2003: 39).

A virtude corpórea estaria, portanto, em suportar, e, suportando, ganhar impulso para ultrapassar fronteiras, no aqui agora, ao contrário da alma esperançosa de um paraíso extraterreno: mais uma vez, a possibilidade de refazer o corpo se faz marcante nas experiências dessas mulheres, estreitando a relação entre a existência e a capacidade de reinventar-se. No final das contas, nossa única certeza é o possível caos do nosso corpo.

4. Considerações Finais

“Nos abrimos para o mundo, e o constituímos, a partir de possibilidades técnicas sempre conflitantes, ambíguas. Essa ambigüidade e esse conflito são aspectos fundamentais dos horizontes históricos que se nos abrem – a nós, sempre suplementados por artefatos”.
(Ferreira, 2004: 39).

Num contexto em que se interpenetram o saber, o poder e o prazer, o corpo se perde entre o intempestivo e a necessidade de retorno. E, na prática, quando esses elementos se tocam, conforme observamos no decorrer de nosso trabalho, o ideal de corpo programável sugerido pela tecnociência contemporânea esvai-se diante da contingência de relações permeadas pelas emoções: frustração, vergonha, prazer, medo, são apenas alguns dos afetos que circundam as práticas de consumo que acabamos de investigar, redes sociais em que o imaterial se exprime através da matéria (o corpo). Do mesmo modo, isso faz parte de um processo dinâmico que demarca uma encruzilhada entre o holismo e o individualismo, binário caro às ciências sociais.

Se por diversas vezes histórias como a de Mary Shelley encantaram por mergulhar num universo até então considerado extra-humano, hoje convivemos com um imaginário “pós-humano” onde toda a gama de experimentos e manipulações do corpo torna-se cada vez mais banal. Entretanto, nesse processo, não somos meros corpos estendidos à mesa, e nosso corpo não é ingenuamente uma peça dada ao calibre. Nosso “manuseio” se fundamenta em considerações políticas e valorativas que dizem respeito à nossa própria condição de seres humanos.

Acreditamos não ser conveniente depositar toda a crença acerca da existência humana na materialidade do seu corpo. Tampouco desprezar que algo de humano reside no corporal está longe do que apreendemos por meio de nossas observações. Seria mais

proveitosa, a nosso ver, uma análise das variadas e conflitantes possibilidades que nossas informantes projetam em função do corpo. Nas contradições encontramos o mais rico ponto de partida para pensarmos nas práticas corporais por meio de nossa relação suplementar com o atual arsenal tecnológico. Paradoxos que se fazem na tentativa de ocultar o organismo humano em seu mais palpável material (uma espécie de “humano interno”: vísceras, restos de pele e vários outros órgãos formatos inerentes à nossa espécie), valorizando, ao invés disso, um corpo socialmente construído, o “corpo sanitário”, belo, elaborado não meramente por via de atributos naturais verificados em sua aparência, mas também pelo incurso de retóricas políticas sobre ele. De fato, o orgânico, nesse caso, renega a dicotomia “natureza e cultura”. Ao invés de separá-los, utiliza-se de construções simbólicas que são feitas em torno de tal dualismo.

As experiências corporais conhecidas em nosso campo problematizam a crença iluminista na razão, uma vez que esta, por diversas vezes, teve afetada sua proposta emancipatória e sua suposta neutralidade: ao contrário, foi justamente à esfera da afetividade de nossas entrevistadas que a racionalidade mais esteve relacionada. Isso está claro nas situações em que estruturas emocionais são abaladas, ao mesmo tempo em que refeitas: seja na necessidade de “recosturar” o seio rasgado em busca da feminilidade perdida, seja no momento em que o consumo do corpo-fetice alivia conflitos ao adequar-se a uma lógica que faz dele um instrumento simbólico. De todo modo, aqui seus afetos foram domesticados numa íntima relação com a razão técnica, ao mesmo tempo em que o voltar-se para si condizia com reflexões estratégicas acerca de seu próprio produto (corpo) e de seus artefatos tecnológicos. Com tudo isso, suas experiências corporais, apesar das consternações também envolvidas, refletiam a determinação de um “não fugir da vida”, expresso num hedonismo por vezes contraditório, já que o corpo necessitava racionalizar

certo grau de insatisfação e sacrifícios, para então reconfigurar-se, indo de encontro a experiências prazerosas e renovadoras da vida das mulheres. Assim, ao projetar para fora suas expectativas emocionais quanto ao destino de seu corpo, nossas informantes revelavam sua intencionalidade diante do fenômeno analisado, descobrindo várias possibilidades sobre si mesmas. Sua corporeidade, portanto, não era um mero refúgio de suas necessidades afetivas, mas também um prolongamento e um espaço para lidar com o mundo de forma mais criativa. Do mesmo modo, era preciso ter coragem de “morrer um pouco” na mesa de cirurgia, e que dessa morte seu corpo se refizesse, para então aventurar-se novamente na vida, até que novas necessidades o levassem a novos retoques. Em suma, as mulheres de nosso universo se portavam, diante dos recursos tecnológicos, não como entes, nem como seres, mas como *modos* (Serres, 2003: 62).

Interessante contradição revela-se, também, nas práticas corporais de Orlan, em sua tentativa de utilizar a tecnologia como crítica à própria razão humanista. Confundem-se as fronteiras que sugerem até que ponto ela se “desumaniza” por subverter os padrões de tal lógica, uma vez que, inversamente, ela se adequa a tais formulações, embora com projetos desconstrutivistas. Mas, por vezes, seus trabalhos inovadores de desconcertantes resultados podem nos levar a pensar na intensidade com que se opera o racionalismo e seu saber-poder, a ponto de ultrapassar-se a si mesmo, e, ao mesmo tempo, se reafirmando: “*Veja só até onde vai a capacidade humana...*”, poderiam comentar os mais conservadores defensores de uma essência humana diante de um trabalho como o de Orlan e suas imbricações com toda sorte de artefatos. É bem vindo, portanto, um equivalente ao discurso sobre a Modernização Reflexiva beckiana. No nosso caso, quanto mais se reforça nossa intimidade com a tecnologização, mais conquistamos elementos úteis para uma reflexão sobre nós mesmos. Por mais que investimentos de controle que se pretendam através do uso

das inovações tecnológicas, terminamos por refletir sobre, simplesmente porque é através deles que elaboramos nossos modos.

Se nosso esforço se fez em virtude de perceber de que maneira os investimentos de cuidados sobre o corpo e afetos femininos sofreram transformações ao longo do tempo, hoje percebemos que regimes e controles continuam sendo feitos por diversos instrumentos que aparam a influência do mercado tecnológico. Entretanto, o voltar-se sobre si faz-se, na versão atual, possibilitando à mulher o conhecimento de novas estratégias, bem como maior flexibilidade para “burlar” trâmites sociais que exigem determinada apresentação corporal. Apesar de toda sorte de estereótipos que isso ainda possa significar, o fato é que, no contexto mais recente, as técnicas possibilitam um maior desenvolvimento das virtualidades do corpo em relação a épocas passadas (Sibília, 2002). A extensão da tecnologia em seu corpo corresponde à experiência do mundo, com todos os seus conflitos e aventuras. Ademais, por mais que se fale em “fins do corpo”, ou de sua presença indiferente diante do que pode ser realizado pelo uso das novas tecnologias, insistimos que encará-lo com seus acessórios e como artefato de nossas performances e encenações, poderemos angariar discussões ético-políticas inesgotáveis que se fazem quando as novas tecnologias diluem idéias tradicionais que faziam da categoria *mulher* um conceito fundamentado em projetos puramente opressivos.

Por tudo isso, não podemos “trancafiar” esses corpos dentro da categoria de passivos, meros consumidores da indústria cultural, uma vez que ao se manifestarem em suas ações e relações, continuam por experimentar a dinâmica daquilo ao que já nos referimos, as técnicas corporais de Mauss. Por esse constante aprendizado, nossa corporeidade vivencia o infindável devir, a interminável possibilidade de se recriar. Assim, a presença desse corpo continua se fazendo presente, tanto na probabilidade de

reconfiguração da carne quanto em seus modos de ser-no-mundo: o corpo é vivo; continua se fazendo presente ao olhar do outro e, por isso mesmo, permanece elemento crucial na dinâmica social na qual a presença física tem lugar preponderante. Por fim, ao seu estatuto orgânico alia-se a sua condição de suporte das relações humanas para celebrarem tudo aquilo que o corpo pode superar.

5. Bibliografia

- ALDEMAN, M. (2003). "Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina". *Revista Estudos Feministas*. v.11, n.2.
- ANGELI, D. (2004). "Uma breve história das representações do corpo feminino na sociedade". *Revista Estudos Feministas*, v.12, n.2, p. 243-245.
- ARAÚJO, E. (2004). "A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia". In M. Del Priore (org.), *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto.
- BALTES, P. (1995). "Prefácio". In A. Néri (org.). *Psicologia do Envelhecimento*. Campinas, Papirus.
- BAUDRILLARD, J. (1995). *A sociedade de Consumo*. Lisboa, Edições 70.
- BASSANEZI, C. (2004). "Mulheres dos anos dourados". In M. Del Priore (org.), *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto.
- BOURDIEU, P. (1990). *Coisas ditas*. São Paulo, Brasiliense.
- _____ (1983). "Gostos de classe e estilos de vida". In: ORTIZ, Renato (org.) - *Bourdieu, Coleção Grandes Cientistas Sociais*. n.39. Ática, São Paulo.
- BUTLER, J. (2001). "Corpos que pesam: Sobre os limites discursivos do 'sexo'". In G.L. Louro (org.), *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica.
- _____ (1998). "Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do 'pós-modernismo'". *Cadernos Pagu*, n. 11, p. 11-42.
- _____ (1995). "For a careful reading". In: S. Benhaib, J. Butler, D. Cornell e N. Fraser (org.). *Feminist contentions: a philosophical exchange*. New York: Routledge.
- CITELI, M. T. (2001). "Mulheres nas ciências: mapeando campos de estudo". *Cadernos Pagu*, n. 15, p. 39-75.
- COSTA, C. (1998). "O tráfico de gênero". *Cadernos Pagu*, n.11, p.127-140.
- COSTA, J. F. (1986). *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro, Graal.
- CSORDAS, T. (1996). *Embodiment & Experience. The existential ground of culture and self*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DA MATTA, R. (1983). *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, Zahar.
- DEL PRIORE, M. (2000). *Corpo a corpo com a mulher: Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo, Senac.
- _____ (1993). *Ao sul do corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- D'INCAO, M.A. (2004). "Mulher e família burguesa". In M. Del Priore (org.), *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto.
- DOEL, M. (2001). "Corpos sem órgãos: esquizoanálise e desconstrução". In T. T. Silva (org.). *Nunca Fomos Humanos - Nos Rastros do Sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica.
- DOMÈNECH, M.; TIRADO, F; GÓMEZ, L. (2001). "A dobra: psicologia e subjetivação". In T. T. Silva (org.). *Nunca Fomos Humanos - Nos Rastros do Sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica.
- EDMONDS, A. (2002). "No universo da beleza: Notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro". In M. Goldenberg (org), *Nu & Vestido: Dez Antropólogos Revelam a Cultura do Corpo Carioca*. Rio de Janeiro, Record.
- ELIAS, N. (1993). *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- ENGELMAN, S. & Foseca, T. (orgs.) (2004). "O que pode o corpo do trabalhador?". In *Corpo, Arte e Clínica*. Porto Alegre, Editora da UFRGS.

- FLAX, J. (1992). “Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista”. In H. B. Holanda (org.), *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro, Rocco.
- FEATHERSTONE, M. & HEPWORTH, M. (2000). “Envelhecimento, tecnologia e o curso da vida incorporado”. In G. Debert & D.M. Goldstein(orgs.), *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo, Sumaré.
- FERREIRA, J. (2004). “A condição pós-humana: ou ‘como pular sobre nossa própria sombra’”. *Revista de Ciências Sociais*. n.21, p.31-42.
- FOUCAULT, Michel (1997). *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Petrópolis, Vozes.
- FREYRE, G. (2000). *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro, Record.
- GIDDENS, A. (1992). *Transformation of intimacy: love, sexuality and eroticism in modern society*. Cambridge: Polity.
- GOLDENBERG, M. (2005). *De perto ninguém é normal: Estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Record.
- _____ (org.) (2000). “De Amélias a operárias: Um ensaio sobre os conflitos femininos no mercado de trabalho e nas relações conjugais”. In: *Os novos desejos*. Rio de Janeiro, Record.
- _____. “O Macho em crise: Um tema em debate dentro e fora da academia. In: *Os novos desejos*. Rio de Janeiro, Record.
- _____ (1995). *Toda Mulher é meio Leila Diniz*. Rio de Janeiro, Record.
- GONÇALVES, A. (2004). “O corpo na vitrine”. *Política e Trabalho. Revista de Ciências Sociais*. n.21, p. 105-119.
- HASSE, M. (2003). “O processo de apreensão e de re-criação do mundo”. *Proposições*, v.14, n.2(41), p.53-60.
- HEILBORN, M. L. (1992). “Fazendo gênero? A antropologia da mulher no Brasil”. In C. Bruschini & A. O. Costa (orgs.), *Uma questão de gênero*. São Paulo: Rosa dos Tempos / Fundação Carlos Chagas.
- HOUBRE, G. (2003). “O corpo e a sexualidade das mulheres: do século XVIII ao período entre guerras”. *Proposições*, v.14, n.2(41), p.103-119.
- HUXLEY, A. (2001). *Admirável Mundo Novo*. São Paulo, Globo.
- JEUDY, H.(2002). *O corpo como objeto de arte*. São Paulo, Estação Liberdade.
- LAPLANTINE, F. (1996). *Aprender Antropologia*. São Paulo, Brasiliense.
- LE BRETON, D. (1999). *Adeus ao corpo*. São Paulo: Papirus.
- LOURO, G. L. (org) (2001). “Pedagogias da Sexualidade”. In: *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica.
- MACEDO, M. S. (2002). “Relações de gênero no contexto urbano: um olhar sobre as mulheres. In *Perspectivas de gênero: debates e questões para as ONGs*. Recife: GT Gênero – Plataformas de contrapartes Novib; SOS Corpo Gênero e Cidadania.
- MAIRESSE, D. (2004). “Desdobramentos do corpo: uma produção do social”. In T. Fonseca & S. Engelman (orgs.), *Corpo, Arte e Clínica*. Porto Alegre, Editora da UFRGS.
- MAUSS, Marcel (1974). *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Edusp.
- MORAES, E. (2002). *O corpo impossível*. São Paulo: Iluminuras.
- MORGAN, K. P. (1991). *Women and the knife: Cosmetic Surgery and the Colonization of women's Bodies*. *Hypatia* 6: 25-53
- NEGRIN, L. (2002). “Cosmetic surgery and the eclipse of identity”. *Body & Society*, v. 8, n.4, p.21-42.
- NIETZSCHE, F. (2000). *Ecce Homo*. São Paulo, Companhia das Letras.

- _____ (2002). *Para Além do Bem e do Mal*. São Paulo, Martin Claret.
- ORLAN (1996) “Conference”, in Orlan *This is My Body: This is My Software*. London: Black Dog Publishing, 81:93.
- _____ (1997). *De l’art chanel ou baiser de l’artiste*. Paris, Jean-Michel Place.
- OVERING, J. (1999). *Elogio do cotidiano : a confiança e arte da vida social em uma comunidade amazônica*. Mana, 5(1):81-107.
- PARKER, R. (2001). “Cultura, Economia Política e Construção Social da Sexualidade”. In G.L. Louro (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica.
- PEIXOTO, C. (2000). “Histórias de mulheres, de envelhecimento e sexualidade”, In G. Debert & D.M. Goldstein(orgs.), *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo, Sumaré.
- PEREIRA, F. M. G. (2001). “*Através do espelho: Um ensaio etnográfico sobre as representações do corpo feminino entre mulheres de camada média alta na cidade do Recife*”. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco.
- PISCITELLI, A. “Re-criando a (categoria) mulher?”. In L. Algranti (org.), *A prática feminista e o conceito de gênero*. Textos Didáticos, n. 48
- REVEL, J. (1986). “Os usos da civilidade”. In P. Ariès & R. Chartier (orgs.), *História da vida privada*. v.3. São Paulo, Companhia das Letras.
- RODRIGUES, C. (2003). “Butler e a desconstrução do gênero”. *Revista Estudos Feministas*. v.13, n.1.
- ROSE, N. (2001). “Inventando nossos eus”, In T. T. Silva (org.). *Nunca Fomos Humanos - Nos Rastros do Sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica.
- RUBIN, Gayle (1975). “The Traffic in Women: Notes on the “Political Economy of Sex”, in Reiter, R. , *Toward an Anthropology of women*. Monthly Review Press, New York.
- SANT’ANNA, Denise (2005). “Horizontes do Corpo”. In Bueno, M.L. & Castro, A. L. de (orgs.), *Corpo Território da Cultura*. São Paulo, Annablume.
- SCHPUN, M. (org.) (1997). “Corpos sexuados e vida urbana: as práticas esportivas da oligarquia política no anos vinte”. In *Gênero sem fronteiras: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero*. Florianópolis: Editora Mulheres.
- SEGURADO, R. (2005). “As novas tecnologias e os impactos no corpo”. In Bueno, M.L. & Castro, A. L. de (orgs.), *Corpo Território da Cultura*. São Paulo, Annablume.
- SERRES, M. (2004). *Variações sobre o corpo*. São Paulo, Bertrand Brasil.
- SIBILIA, P. (2002). *O Homem Pós-Orgânico: Corpo, Subjetividade e Tecnologias Digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- SILVA, Ana M. (1999). “Elementos Para Compreender a Modernidade do Corpo Numa Sociedade Racional”. *Caderno Cedes*, XIX, p. 7-29.
- SOIHET, R. (2004). “Mulheres pobres e violência no Brasil urbano”. In M.Del Priore (org.), *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto.
- TRIVIÑOS, A. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo, Athas.
- VAZ, Paulo (1998). “Corpo e Risco”, in N. Villaça, F. Góes & E. Kosovski (orgs), *Que Corpo é Esse? Novas Perspectivas*. Rio de Janeiro, Mauad.
- WACQUANT, L. (2002). *Corpo e alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Dumará.

WEEKS, J. (1989). *Sex, politics and society: the regulation of sexuality since 1800*.
Harlow, Longman